

Nº 5
3

O
CENTENARIO DE CAMÕES
NO BRAZIL

Portugal em 1580
O BRAZIL EM 1880

ESTUDOS COMPARATIVOS

DE

REINALDO CARLOS MONTORO

Alguma cousa
Que talvez existisse, ou inda exista
Aqui, alem, na terra, ou no infinito,
No seio impenetravel do futuro!

LUIZ N. F. VARELLA. *O Evangelho
nas Selvas.* CANTO IV.



RIO DE JANEIRO
ANTONIO JOSE GOMES BRANDÃO. EDITOR
90 RUA DA QUITANDA 90

1880.

A Publicação Publica

A Editora

O

CENTENARIO DE CAMÕES

NO

BRASIL

PORTUGAL EM 1580

O BRASIL EM 1880

ESTUDOS COMPARATIVOS

DE

REINALDO CARLOS MONTÓRO

Alguma cousa
Que talvez existisse, ou inda exista
Aqui, além, na terra, ou no infinito,
No seio impenetravel do futuro!

LUIZ N. F. VARELLA. *O Evangelho
nas Selvas.* CANTO IV.



RIO DE JANEIRO

ANTONIO JOSÉ GOMES BRANDÃO, EDITOR

90 — RUA DA QUITANDA — 90

1880

12.881 A (ex. 2)
56



1.292.574 AA
18/05/2010



Á

IMPRESA JORNALISTICA

DO

RIO DE JANEIRO

INICIADORA

DA

INDEPENDENCIA INTELLECTUAL

OFFERECE

COMO HOMENAGEM

DE

VELHO AMIGO E FILIADO

O autor.



O CENTENARIO DE CAMÕES NO BRASIL

PARTE I

PORTUGAL EM 1580

I

INTRODUÇÃO

Evolução da critica. — Os deuses exilados da litteratura. — Camões e seus detractores. — Garrett, José Basilio da Gama e Luiz Varella. — O maior dos poetas brasileiros. — Camões e Homero. — Futuro da lingua portugueza. — A raça portugueza e o dominio cosmopolita. — O Sr. Thomaz Ribeiro em Ceylão. — Um discipulo de Voltaire e a lingua geral da Asia. — Os *Luziadas* e o atavismo intellectual. — A sciencia no seculo XVI. — Camões e os poetas maximos. — A Europa antes e depois dos *Luziadas*. — Uma pagina de Edgar Quinet. — Investigação scientifica.

Escrever um livro novo acerca de Camões parece ousadia nos mais eruditos, e por temeridade será julgado em modesto cultor das letras. Homem, escriptor, sabio, poeta ou philosopho, pelas multiplices faces, tem sido julgado o autor dos *Luziadas*, e parece entidade completamente examinada e assumpto esgotado. Vir dizer novidades de tão conhecido vulto é pretensão descabida, e só uma razão autoriza o commettimento, é a evolução que a critica historica tem feito ha trinta annos. Os nossos velhos mestres de litteratura e analyse his-

torica estão passando a deuses exilados. As bases da sciencia mudaram, as excavações da archeologia e geographia comparadas destruíram as tradições officiaes, e a linguistica abriu novos céos á sagacidade humana, deixando os codices do ensino reduzidos a colleções de preconceitos extinctos.

Ha trinta annos Camões era um simples poeta, erguido do tumulo do grande seculo, ao passo que voltavam os nossos fóros de nações livres. Nem as puerilidades admiradoras de Faria e Souza, nem as criticas pedantes de José Agostinho de Macedo, nem as invejas disfarçadas dos insulsos metrificadores do romantismo, haviam conseguido tirar-lhe a corda de *principe dos poetas*, que sobre o tumulo lhe depositara um patriota das velhas éras. As comparações com a vaidade infantil do frade encyclopedista haviam mostrado que o vate da gruta de Macáo ainda estava vivo, atravez de tres seculos de moimento, ao passo que os poemas philosophicos e a tentativa epica do seu emulo já estavam carcomidos de mortal doença. Quando veiu o melindre alindado dos metrificadores da moderna Lisboa, e quiz medir pela sua bitola sceptica e plagiaria aquelle vulto da epoca do Tasso e de Cervantes, — quando ousaram antepor-lhe as nossas inspirações gentis e saudosas, — mas pequenas e acanhadas, — como a epoca, o vulto ergueu-se á altura de seu Adamastor, e esmagou-os com una simples strophe.

E' que o poeta, por si, não permite parallelas nem confrontações, em qualquer das litteraturas da lingua portugueza. Não é só o epico sublime, é tambem o lyrico das canções e dos sonetos, em que o sentimento da natureza, a intensidade pittoresca do affecto attinge á perfeição.

Quem não lê com viva commoção a elegiada de Garrett que lhe tomou o nome? Nunca a musica, das palavras, em lingua harmoniosa, nunca a vibração do affecto, em notas mais plangentes, foi de mais força ao coração, e entretanto falta a Garrett a fórma esculptural, que resiste aos annos. O *Uruguay*, de José Basilio da Gama, aviva na memoria a imagem desses campos gentis da America Austral, e a vida heroica das maiores tribus indigenas; é um grande pintor da natureza e do homem, mas reduz-se o seu merito ás proporções do plano.

Acima destes satellites de sua gloria, collocariamos um nome quasi esquecido hoje, Varella, o cantor do *Evangelho nas Selvas*. Igual a Camões na exaltação do animo e na desventura, Luiz Varella tambem atravessou a nossa epoca, sem o reconhecimento de sua realeza, e sem as distincções do poder. Apenas ousavam os mais corajosos cultores das lettras exaltar-lhe o nome em publico. Entretanto o cantor da fé no Mundo Novo, o evocador sublime do Evangelho com toda a riqueza de colorido da sciencia moderna, o homem que no meio da incapacidade artistica deste periodo, teve no engenho forças para nos fazer surgir ante os olhos a virgem America, o inverno asperrimo da Judéa, as torres flammejantes dos Magos, o quadro do mundo antigo desvendado pelo principe das trevas, e as lendas meigas e suaves do propheta da nova éra, quem fez estes prodigios de inspiração, vencerá a indifferença do seculo cego e obtuso, e viverá para a admiração da nova arte americana. Luiz Varella foi tambem um poeta da humanidade, tomou a si a indole cosmopolita de nossas melhores aspirações, e fez consorciar-se o christianismo com os maiores estudos e conquistas da liberdade intellectual.

Entretanto, Camões, o maior destes grandes engenhos, rodea-se sem temor de Caldas, Garrett, J. B. da Gama, Luiz Varella, Quevedo, Ferreira, Gonçalves Dias, e outros varões illustres de sua esplendida côrte, e a todos dá o reflexo da gloria superior, por ser o primeiro na concepção da lingua, na formação da indole, no complexo de idéas que esculpturam uma raça monumental para os grandes feitos e para a historia. Homero, mytho ou realidade, foi assim para os povos hellenicos. Nasceram aquelles cantos quando a Hellade era apenas a Yavane dos sabios egypcios, e procurava emancipar-se da tutella dos navegadores phenicios e da civilisação anterior dos etruscos. Era uma raça moça, acanhada no numero, mas ousada nos commettimentos do espirito e das armas, e que fugia aos deuses, ás crencas, á esthetica e ás idéas estrangeiras, e procurava o inspirador psychologico do seu futuro.

Os cantos homericos, embora fraccionados na origem, tinham a solidez intellectual da mole granitica. Nelles se formou a alma helleuica desde as colonias do Ponto até as da Sicilia. E foi um tyrannode Athenas quem codificou a *biblia* desse povo livre! Ali lhe sorriram os delineamentos da religião naturalista, ali se desenharam as imagens da natureza que formaram Apelles e Phidias, ali estavam os germens da alma de Melciades e Epaminondas, ali havia o requinte de affectos que devia sublimar-se até ás concepções de Platão e Socrates. Assim foi Homero para a raça creadora da Hellade, assim é e será Camões para a raça portugueza, que ainda começa, ainda ha pouco, ha apenas quatro seculos, era uma fracção dos povos ibericos, individualidade apenas distincta nas grandes e orgulhosas nacionalidades novas da Europa

e hoje já promette aos politicos, aos philosophos, aos sabios, uma raça grande e potente, que se multiplicará aos millhões, e tornará a sua lingua das mais dilatadas e conhecidas no globo.

Parece ousadia esta affirmativa perante as pretensões do francez e allemão ao dominio das nações civilisadas, mas é porque, na propria America, terra das idéas novas, nos habituamos a ver tudo com os olhos do preconceito europeu. As tradições greco-romanas, a sua moderna reconstituição pela inoculação do elemento germanico, dictam a lei ao nosso pensamento educado pela litteratura européa. Entretanto, não é essa a verdade positiva. Philosophias, religiões, systemas politicos e tradições civilisadoras do mundo teuto-latino, são apenas um pequeno elemento no regimen intellectual do globo. A esphera das linguas principaes da Europa, das linguas litterarias, estende-se apenas de uma a outra margem do Atlantico. O portuguez, lingua da tradição cosmopolita, vai das ribeiras do Tejo á costa da Mina, do Zaire ao Zambese, de Socotorá e Aden a Ceylão, de Ormuz a Bombaim, de Malaca á China do Norte. Já dissemos em outro escripto acerca da civilisação cosmopolita, que, para se fazer um completo dictionario portuguez, seria preciso compilar o vocabulario polyglotta, tal é a variedade das origens dos diversos dialectos da nossa lingua, se dialectos são. As linguas mais gothica, latina, sanscrita, congo, guarany, arabe, turanico-phenicia, todas contribuíram a formá-la, e por isso diz com razão o illustre geographo O. Réclus :

« A lingua portugueza presta-se infinitamente á poesia e na riqueza deixa poucas expressões e fórmãs a desejar. E' usada, fóra de Portugal, nas colonias portuguezas, no Brasil e em logares, de onde ha muito

desappareceu o dominio de Lisboa, como em Malaca. Pelo menos, dezeseis milhões de pessoas a têm por idioma nacional, e este numero, crescendo rapidamente, ha de vir a ser enorme, pois só no Brasil ha cabimento para centenares de milhões de pessoas.»

Esta probabilidade de diatação deve-a a lingua portugueza, á maleabilidade da raça, que facilmente se entrelaçou com todos os povos, a que attingiu o seu dominio. Em vez da attitude isoladora e hostil do inglez, hespanhol e francez, nas suas colonias, que tornaram escravas, dizimando as populações nativas, o portuguez encorporou-se nas raças tupy, africana e indú, e a maxima parte da população actual do Brasil, da Ethiopia maritima e India do littoral, é de origem indigena mesclada com portuguezes. Ouçamos o que diz o Sr. Thomaz Ribeiro, em seu ultimo livro, as *Vesperas*, acerca de Ceylão, terra que ha muito deixou de ser portugueza de nacionalidade :

« Foi em 1507, no tempo do primeiro visor-rei da India, D. Francisco de Almeida, que seu filho, o esforçado navegante de 18 annos, que tão heroicamente havia de morrer na bahia de Chaul, descobriu Ceylão e nella começamos de estabelecer o nosso dominio. Cento e quarenta e nove annos depois, em 1656, era Ceylão presa dos hollandezes, a quem os inglezes expulsaram e a tomaram em 1795, chegando a realizar, em 1815, a conquista de toda a ilha.

« Fica lembrado que só tivemos estabelecimentos de guerra e de commercio em Ceylão durante cento e quarenta e nove annos, e que os perdemos ha duzentos e vinte e tres annos, que tanto dista de 1656 a 1879. Pois apezar do nosso ephemero e limitado

domínio, apesar de tantos annos decorridos desde a nossa expulsão, desembarcais em qualquer dos portos da ilha e ouvis aos nativos, e em lingua portugueza muito avariada, como é natural:—eu tambem sou portuguez,— e acompanham-vos e obsequeiam-vos e vão mostrar-vos um portico encimado com o brazão das quinas, portico que elles não deixaram demolir quando se demoliram as muralhas e apontando-vos para o escudo das armas reaes portuguezas, dizem-vos gloriosos e ufanos:— As nossas armas. »

Burton, Cameron, Stanley e outros ousados renovadores da exploração interna de Africa, acharam a lingua portugueza conhecida desde Zanguebar até o lago Tanganyka, e das vertentes do Zaire a foram deparando, como lingua geral, até á costa de Guiné, dizendo-se os mestiços que percorrem o sertão, todos de origem portugueza.

Na America, a lingua portugueza, além de ser fallada desde o Prata até ao Orenoque, e ir sensivelmente conquistando a Banda Oriental, a Goyana e o Paraguay, é conhecida e estudada litterariamente não só na America Meridional, como nos Estados Unidos, em que hoje cura se extremamente de conhecer a America brasileira.

Um viajante recente, que nos é infenso, o fallecido conde J. de Rochechouart, com a vaidade infantil dos francezes propagandistas, impacienta-se achando a raça e a lingua de Portugal em Aden, Ceylão, Malaca, e vendo que a propria lingua franca do extremo Oriente é ainda de origem portugueza. Que horrivel decepção para o discipulo de Voltaire, que julga Camões um contra-senso, e não encontra litteratura que emparelhe

com as semsaborias da imitação greco-latina do tempo de Luiz XIV! Julgar que a França de Racine, Voltaire e Bonaparte prende a attenção de todo o globo, domina intellectualmente todas as raças, e não ouvir fallar de Suez a Yokohama outra lingua vulgar senão o portuguez, é decepção para acabrunhar o mais fino e paciente diplomata.

Diante desta perspectiva que o estudo do globo abre á nossa lingua, e pelos vestigios de idéas e affectos que se encontram nestas variadas ramificações da raça portugueza, Camões cessa de ser apenas o grande poeta epico de Portugal, e torna-se o vulto maior da civilização cosmopolita. Anatomisai esses homens que fallam a nossa lingua em tão variados climas e posições geographicas, e vereis que o cunho intellectual é o mesmo. Ha certa nobreza e altivez de idéas, certo espirito esclarecido de christianismo e caridade, certo amor dos grandes feitos e das vastas concepções, que se prendem á educação recebida pelos *Luziadas*.

A maior parte não leram o poema, mas o mesmo acontece ao Evangelho e ao Velho Testamento, e entretanto, é destas sublimes fontes que dimana a educação de quasi toda a raça indo-européa, mesmo da que não professa o culto. A transmissão pelas idéas, habitos e affectos é a mais poderosa. O atavismo intellectual escapa á percepção vulgar, como o atavismo physiologico, apesar de Linneu e Brown, levou dous seculos a entrar no entendimento dos sabios.

Em Camões encontra-se a sciencia mais adiantada do seu tempo. O renascimento era da vespera, Magalhães e Colombo apenas corriam mundo nos primeiros historiadores, a Moscovia fora explorada nos ultimos annos,

os novos phenomenos das regiões orientaes bruxoleavam apenas nos estudos de Zacuto, de Orta, de Pedro Nunes e João de Castro. Vinham os sabios das varias partes da Europa buscar em Lisboa a confirmação das descobertas ethnographicas e physicas, que pareciam phantasticas invenções aos copiadores de Aristoteles e Avicena.

Na propria Veneza, na capital do mundo civilizado, a erudição provinha dos sabios de Byzancio e Alexandria; os costumes eram ainda os do baixo imperio em decadencia, e a esthetica não rompera as formulas que os arabes haviam dado ás tradições indo-européas. Quando ainda ia pela Europa o alvor pallido do renascimento hellenico, já no cerebro de Camões surgira a éra nova do globo, com todo o esplendor das noções e idéas do nosso tempo.

Os *Luziadas* destacam-se tanto do grupo das maiores epopéas, pelo lado da universalidade da concepção, que lança-as em relativa obscuridade. O que é a *Divina Comedia* do Dante? Repositorio monumental das crenças e paixões da idade média, uma pagina apenas da historia intellectual da Europa. A *Jerusalém Libertada* canta um episodio da luta germanica com a civilização arabe; Milton no *Paraiso Perdido* eleva-se até á maior concepção sobrenatural, mas não excede o circulo do puritanismo inglez. Klopstock, Byron, Ercilla, Gæthe, Longfellow, representam a paixão, a idéa, a tendencia transitoria da sua epoca e nacionalidade, nunca porém a grande revolução nas relações do globo. Antes de Camões, a Europa é um canto do mundo descoberto pelos phenicios, quando o Oriente já declinava da primitiva civilização; a India considerava os francos como barbaros e longinquos; o mundo arabe, que ia de Stambul a Samarcanda

e Tombuctú. a considerava como gentilica e atrazada; a China, no auge do adiantamento e das descobertas scientificas, ouvira fallar, no tempo dos maiores imperadores tartaros, de um extremo do mundo occidental, que lhe enviava missionarios e negociantes, inferiores no saber e na polidez ás classes secundarias do imperio. A Europa, pequena e acanhada, inferior ás grandes civilisações do Oriente, tinha diante de si o desconhecido, que não ousara devassar.

Depois de Camões entra ella no Oriente, conquista-o intellectualmente, espalha as vistas soberanas pelos grandes oceanos, e aspira a fundir na civilisação occidental todas as descobertas e adiantamentos que 6,000 annos de transmissão haviam legado ao Cairo, a Benarés e a Nankim. O grito de guerra de Camões é essa conquista intellectual. Indigna-se de que se consinta o islamismo triumphante em Constantinopla, aspira a estender a luz da fraternidade humana pelos mais distantes climas e ainda no declinio da vida alenta o capricho do ultimo rei de Aviz, porque essa utopia infantil é o estabelecimento de Portugal no Algarve de além-mar, a acquisição da Africa ao christianismo, a reacção do Occidente regenerado contra o Oriente em decadencia.

Quando a segunda tentativa de Africa falha, o pensador desanima e fenece com a grandiosa idéa. Ninguem lhe faz maior justiça do que Edgar Quinet, nas seguintes paginas, que vamos transcrever :

« Os portuguezes, que, pela descoberta do cabo de Boa Esperança, restituiram a Asia á Europa, foram os primeiros a rematar com a imaginação a alliança que a industria renovara. Aparece por momentos este povo na historia, para effectuar esta façanha. Finda a tarefa, volta ao

sileucio. Assim como só teve um instante de esplendor, não teve senão um poeta, um livro. E', porém, este poeta, *Camões*, que descerra de novo as portas do Oriente á imaginação. O livro são os *Luziadas*, que reúnem a todos os perfumes de Portugal, o ouro, myrrha e incenso do Levante, ás vezes trespassados das lagrimas do Occidente. Pela vez primeira a indole poetica da Europa deixa a bacia do Mediterraneo e volta aos oceanos da antiga Asia.

« E' verdade que as reminiscencias da Grecia e mundo antigo acompanham o aventureiro vate por entre as ondas que jamais os remos haviam desflorado. Vê-se, mesmo, que nesses calidos céos, espelha-se nas ardentes estancias certa anciedade que assemelha-se ás saudades da patria. Imagens, saudades, esperanças, phantasmas divinizados, serêas do Occidente, surgem do amago das ondas. Balançam-se, em volta ás naves, e por isso o poema de *Camões* é na verdade o poema de alliança do Occidente e Oriente. Ali se encontram, ao par, as recordações da Europa e as calidas emanações da Asia, nesse engenho que é a harmonia do renascimento grego e do renascimento oriental. Ao pas-o que ainda ouvis os murmurios das orlas européas, os echos do mundo grego, romano, christão, retine-vos, tambem, no extremo opposto, esse forte grito, de *terra!* que fez estremecer o XV seculo ao descobrirem-se as Indias e Americas. Sentis, a cada verso, que o baixel da humanidade aporta plagas ha muito esperadas; respirais as novas brisas que enfunam a vela do pensamento humano, e os céos dos tropicos se reflectem nas puras aguas do Tejo.

« Se os deuses da antiga civilisação, levados para outro firmamento, parecem refazer-se, remoçar, por outra parte.

quantas fórmas, quantas creações inspiradas directamente por essa natureza renovada na solidão ! O rio Ganges, perdido ha tanto tempo, é personificado como na epopéa india do *Râmâyana*. O Titão grego, que intenta impedir a passagem ás naves do Gama, nuncias do porvir, sahe gottejante dos mares equinoxiaes e engrandecido com a distancia que vai do mar das Cyclades ao oceano Indico. Até a lingua portugueza, tão guerreira e branda, tão sonora e ingenua, tão rica em brilhantes vogaes, parece um interprete, um traductor natural entre a indole do Occidente e a indole da Asia Oriental.

« O que prende, porém, todo este feixe ; quereis que o diga ? E' o coração do poeta. E' esse magnanimo coração que reune os dous mundos e os liga no mesmo estremecimento poetico, na mesma humanidade, no mesmo christianismo. Em tudo, achais uma alma tão profunda como o oceano, e, como o oceano, reunindo as duas oppostas margens.

« Não posso deixar já Camões ; porque não externarei a piedade que sinto por esse grande homem ? Delle, tudo me praz. Primeiro a vida, a poesia, o character, o grande coração. Apenas me espanto que seu nome não seja mais lembrado nos tempos que correm. Não conheço poeta algum que melhor se associe á grande parte das idéas e affectos diffundidos neste seculo, pois esta epopéa, sem batalhas, sem assedios, toda pacifica,—incrivel facto ! — não pinta senão o eterno combate do homem e da natureza, — isto é a luta tão amiudadas vezes lembrada pelos escriptores da epoca.

« Têm dialogos imponentes entre o piloto e o oceano ; de um lado, a humanidade triumphadora na nave empavezada, de outro, os cabos, promontorios, tempestades e

elementos vencidos pela arte. Não é esta a inspiração do tempo actual ?

« A epopéa que melhor o representa não é a do Tasso, em demasia romanesca. Não é a de Ariosto ; aonde vão hoje as graças, a serenidade, os sorrisos desse ultimo dos trovadores ? Também não é de preferencia a do Dante. A média idade vai tão longe ! O poema, porém, que abre com o XVI seculo a éra dos tempos modernos é este, que sellando a alliança do Oriente e Occidente, celebra a idade heroica da industria. Não é mais o poema dos peregrinos, mas sim o do viajante, do commerciante, verdadeira odysseá, pelas feitorias, pelos mercados nascentes das Indias e do berço do commercio moderno, como a *Odysséa* de Homero é a viagem atravez dos berços das pequenas republicas militares e artistas da Grecia. »

Tres seculos depois de escripta a epopéa que consagrou a união do Occidente ao Oriente e, portanto, a maior revolução do globo e da humanidade, do imperio portuguez restam apenas os vestigios, e estes mal aproveitados por governos indolentes, timidos e improprios para simples herdeiros de tão valentes tradições. Accresce mais, os mesmos espiritos adiantados de Portugal, como Theophilo Braga, Antonio Ennes e Oliveira Martins, nem acceitam nem comprehendem a nossa missão civilisadora, de que motejam. Entretanto, os factos são mais fortes que a degeneração social. Ouçamos o que Sr. J. H. da Cunha Rivara nos diz acerca da extensão da lingua portugueza :

« Falla-se e é vulgar desde o Guzarate até ao cabo Comorim. Não é desconhecida na costa de Coromandel até Bengala. E' commum, com maior ou menor pureza,

em Ceylão, no archipelago Malaio e na China. Entende-se em Siam e em varios grupos dos archipelagos oceanicos. Não duvidamos de que seja o inglez a lingua em que no dia de hoje um natural bem educado, chegando da India superior, de Bengala ou de Madrasta, se faça entender de outro natural bem educado em Bombaim; que seja o inglez a unica lingua que o mesmo natural bem educado use para escrever a seus amigos Bengali de Calcuttá ou Tamil de Madrasta; mas é ao mesmo tempo certo, que em todas as classes da população, não só do continente indiano, mas dos archipelagos e territorios acima mencionados, ainda mesmo nas classes que não passam por mais illustradas, haverá quem saiba comprehender e exprimir o portuguez; e sem duvida uma carta escripta em portuguez será entendida no logar do seu destino em todas aquellas vastas regiões. »

Para fazer comprehender bem o que Camões cantou e o que os portuguezes executaram, convém ir pedir á sciencia moderna a revista exacta do estado do mundo e do conhecimento que a humanidade tinha d'elle antes do infante D. Henrique. Atacaremos muitos preconceitos, muitas vaidades pueris; mas a historia surgirá mais vigorosa, mais fortificada em suas bases desta rigorosa e succinta investigação.

PORTUGAL E AS DESCOBERTAS

As investigações da historia.— A America povoa e civilisa a Europa.— A primeira civilização turanica.— A descoberta do globo pelos phenicios.— Luta de Tyro com a Etruria e a Grecia.— A quéda da primeira civilização.— Vislumbres do mundo moderno nos ultimos annos de Roma.— As navegações e descobertas da China.— Os primeiros civilisadores da Nova America.— A extensão da civilização arabe.— Marco Polo e a navegação no seculo XIII.— Os primeiros exploradores do Oriente.— Estudos cosmographicos de D. Henrique.— A fundação da escola de Sagres.— O infante D. Pedro e as sete partidas do mundo.— Principio da era moderna.

Os estudos scientificos posteriores a 1850, compendiando as descobertas e adiantamentos da geographia comparada, da philologia e origem das religiões e das artes, permittem hoje chegar a resultados que deslocam o ponto de vista, de que olhavamos anteriormente o andamento da civilização. Diante dos trabalhos de Max-Muller, Vivien Saint-Martin, Mariette, Pritchardt, Quatrefages, Lubock e outros profundos investigadores, é impossivel conservar a idéa transmittida, de que a Grecia e Roma, o mundo do circuito hebraico e latino, é o ponto de partida da historia geral. A bacia do Mediterraneo é o terceiro ou quarto theatro em que se concretam os grandes factos da civilização. Os estudos egyptologos, resumidos por Maspero, e que confirmam afinal a chronologia de Manethon, recuam a éra historica até 5,000 annos antes de Christo. Antes dessa epoca ha o florescimento das grandes raças civilisadoras nos

planaltos da Asia Central, e as ultimas investigações provam que as sédes primitivas dos povos principaes semiticos, turanicos e aryanos, não estão muito distantes da região a que actualmente chamamos o Turkestan. Os ultimos estudos sobre a origem dos chins confirmam esta proximidade.

Precedem ainda esta epoca ante-historica, os movimentos das raças americanas em direcção á Asia e á Europa, e o primitivo dominio do oceano oriental pela raça melasiana, que os gregos e semiticos conheceram, e a historia menciona como ethiopes orientaes, e as antigas raças submergidas com os continentes de que são vestigios a ilha da Pascoa, Madagascar, os Açores e as Canarias. Uma questão se apresenta desde o principio da critica historia, e é saber se as raças americanas precederam ua civilisação as aryanas e semiticas. A propria tradição da Atlantida, conservada pelos sacerdotes egypcios, diz que os reis desse continente dominaram a Europa e a Africa. Resta saber se antes das origens aryanas da civilisação não teremos que estudar as que se devem á America ante-historica.

Os estudos dos fosseis ante-diluvianos em relação ao homem, parecem confirmar, pelo menos, a simultaneidade do homem americano na Europa com o japetico. A honra da iniciação destas descobertas pertence ao Brasil e ao sabio Lund. Deve ser este o ponto de partida das investigações da historia comparada, que iniciaremos.

Pelos vestigios fosseis vê-se que á Europa vieram simultaneamente raças com o typo branco ou dolichocephalo, e turanico ou brachycephalo. Este encontra-se, segundo Nillsson, Retzius e Eschricht, na Scandinavia, e segundo Pruner-bey, em quasi toda a Europa Occidental, inclusive a França. Este anthropologista dá ao

ultimo o nome de mongoloide e diz que ainda se encontra hoje em quasi todo o continente, estendendo-se até á America. Diversos grupos o representam no centro e meio-dia da Europa, taes como os biscaínhos. Os craneos fosseis descobertos no Brasil e no resto da America pertencem a esta raça, e no norte estão perto dos grandes *monumentos innominados* do Ohio. Varias populações historicas lhe pertencem, como os ligures e iberos. A linguistica parece confirmar estas inducções pelos vestigios que nos restam do antigo ibero, biscaíno e ligure. Estas linguas prendem-se pela textura polysynthetica ás do Nort'America, que confinam philologicamente com as do Japão e centro da Asia.

Alguns sabios do nosso tempo pensam, e não sem fundamentos fortes, que a raça cobreada, originaria do vasto continente americano, espalhou-se pelo norte da Asia, expellindo diante de si, para os lados do sudoeste e oeste, as raças melasianas que até então occupavam esses paizes. Mesclada com essa raça ethiopica formou a grande familia malaya, ao longo das costas da Asia, e espalhou-se pela Siberia até á Europa, então deserta. Esta bifurcação da raça cobreada não foi alcançada pela historia, que é posterior, e não começa senão com as raças civilisadoras. Mais de 5.000 annos antes da nossa éra, dos planaltos septentrionaes da Asia, desceram, para entre esses povos grosseiros, os homens brancos, possuindo uma cosmogonia sabia, que serviu de base a quasi todas as religiões, que lançaram mão dos destroços dessas tradições. Estas raças civilisadoras estabeleceram-se no Egypto, peninsula indiana, Persia, mar Caspio, Bosphoro, Grecia, e entrando pela Europa Occidental formaram as populações celtas, que

dominaram as primitivas. Dos idiomas vedicos ou aryanos ante-historicos se encontram vestigios nas linguas mais adiantadas da America, o que causa a confusão dos philologos inexperientes, e que vão buscar nas segundas e terceiras formações linguisticas, na Grecia, Phenicia e Egypto, o que são monumentos do monogenysmo primitivo.

Do estudo acurado dos monumentos assyrios, comparado com as viagens de Hiüang-Tsang, verifica-se que antes da civilisação aryana floresceu, no interior da Asia, outra de origem turanica, que inventou os caracteres cuneiformes. O sabio chinês ainda achou, em toda a Tartaria e nos limites do Indostão, esplendidos vestigios dessa civilisação primitiva, parente da americana.

A raça egypcia liga-se aos povos brancos da Asia anterior pelos caracteres ethnographicos, entretanto que a lingua tem intimas relações com a semitica pelas formas grammaticaes. Pertencem os egypcios ás raças proto-semíticas. Vindos pelo isthmo de Suez, acharam nas margens do Nilo outra raça, talvez preta, que repelliram para a Nubia, como haviam feito os aryas, chins e phenicios ás populações pretas que encontraram. E' facil, pelos estudos actuaes, ir buscar as origens egypciacas, perto do dominio primitivo dos kuschitas.

A origem dos phenicios é da Bactriana. Tres ramos desceram para o golpho Persico : os kissianos, os chaldeos, e os punicos. Estes povos assentaram moradia nas margens meridionaes do golpho Persico, e principalmente em duas ilhas do grupo Baherem, chamadas Tsur e Arad, nomes que passaram á costa da Palestina com as formulas de Tyro e Arada.

Foi nesse primeiro assento que inventaram o zodiaco, a constituição do anno solar, as bases da astronomia e os primeiros calculos algebricos. Levados pelo espirito mercantil, iniciaram-se na arte de navegar e enriqueceram-se com o commercio da India vetusta. As caravanas iam até o mar Vermelho e Africa. Tiveram, porém, de abandonar esta moradia, obrigados pelos tremores de terra e uma grande invasão turanica em toda a Asia.

Largando os velhos emporios, vieram pelo Euphrates, repousaram perto de Babylonia, no lago Bahr-i-Nedjif, e penetraram na Syria pelos caminhos do Norte. Nada lhes resistiu, e desde o Euphrates até ao isthmo de Suez e Egypto, ficaram senhores da maior parte do solo. Os egypcios viram nos vir de Canaan ou terras baixas da Palestina, e espavoridos, deram-lhes o nome de Shasú (salteadores), e ao chefe o de Hig-Shus, rei dos bandidos. A's hordas invasoras, em geral, chamaram Mantiú, pastores, e Santiú, archeiros. Na baixa Palestina encontraram populações agigantadas e negroides, a que deram o nome de Rephaim, Zonzommin e Emim, pintando-os como gente horrenda e de falla zumbidora e inintelligivel. Quando veiu mais tarde a reacção da raça guerreira do Egypto, já os phenicios haviam estabelecido a navegação nos mares da Europa e do Oriente, e tiraram grande proveito da submissão aos pharaós.

No tempo em que os Hig-Shus reinaram no Egypto, os cananeos, habitantes punicos das terras baixas da Palestina, tomaram da escriptura egypcia um certo numero de caracteres do typo cursivo, que correspondiam ás articulações fundamentaes da lingua. O alfabeto phenicio ficou com 22 lettras, das quaes 15 têm innegavelmente aquella origem. Este alfabeto, empregado ao principio em Canaan, mo-

dificou-se conforme as localidades e formou os alphabetos arameos, palmyrios e hebraicos. Transportado pelos sidonios e tyrios para as terras de seu commercio, foi a raiz commum de que sahiram os alphabetos da India e Mogolia até á Gaulia e Hespanha, em todos os paizes de linguas polysillabicas.

No principio os gibilitas parecem ter exercido na Phenicia autoridade geral. Formavam dons reinos, o de Gebel e o de Beryto. Gebel ou Gebon, chamado pelos gregos Byblos, dizia-se a mais antiga cidade do mundo. No principio fora construida no interior, á margem do Nahr-el-Kelb, depois a população veio para a margem do mar, junto ao rio Adonis. Com a decadencia dos gibilitas, Sidonia, Arad e Tyro tornaram-se os pontos mais poderosos da Phenicia.

No tempo de Thotmés III, tendo-se revoltado os rotenus, passou o commercio do Egypto aos phenicios. Gebel, Beryto, Sidonia e Tyro, submettidos ás armas da reacção guerreira do Egypto, conservaram-se fieis desde Thotmés I até Rhamsés II. Durante quatro seculos os phenicios pagaram tributo aos pharaós e julgaram-se felizes comprando, em troca de sacrificios pecuniarios, o privilegio de fazer o commercio do Egypto para os estrangeiros, e dos estrangeiros, á custa do Egypto. O Delta foi aberto á sua navegação. Em luta com as populações gregas, exploradas por elles, mas que lhes faziam guerra no mar, e com a navegação etrusca, que os precedera no Mediterraneo, e com a qual, ou se combinavam para o monopolio dos mares italicos ou a procuravam abafar, iam encontrar na Africa Occidental uma raça de emigrados, a que chamavam lybios-phenicios, e que eram de raça cananéa

e berbere, e é por isso que os mauritanos modernos guardam vestígios da lingua e alphabeto dos phenicios. Ahi principiam a dissipar-se as trévas dos tempos heroicos da navegação. As recordações subsistem em Homero e Hesiodo, que compendiarão as fabulas das primeiras expedições dos gregos, e as tradições do estado physico da Europa, quando a invadiram as tribus aryanas, estado talvez differente do actual, e que explica as aberrações da geographia homerica.

Estes primeiros traços da exploração da Europa, Africa, Asia e talvez America, apenas ficaram registrados em destroços de inscrições e livros, e são um vestigio da civilisação geral, que precedeu á actual. As provas completas pereceram com a destruição dos archivados de Tyro e Carthago, e afinal com a perda da bibliotheca de Alexandria.

Nesse tempo Sidonia cresceu em marinha e tornou-se a principal cidade da Phenicia. Faziam estes povos o commercio por terra e mar, caravanas e navios. Todas as estradas, que, dos grandes mercados do extremo Oriente, da China, India, Bactriana, Chaldéa, Arabia, Caucaso, vinham para o Occidente, attingiam a Sidonia ou Tyro. Ha duvidas se os phenicios iam ao Ganges e ao Altaï, ou se commerciavam nos entrepostos da Arabia e Chaldéa. Parece, porém, pelos caracteres da escriptura indiana, que as relações eram intimas. Lais, na estrada do Egypto para a Assyria; Hamatá, no valle do Oronte; Thapsaco, no Euphrates; Nisibe, nas fontes do Tigre, eram de origem phenicia. Os documentos da colonisação do Mediterraneo, encerrados nos archivados de Tyro e Sidonia, e nas obras de segunda mão, greco-romanas,

foram destruidos, mas procuraremos dar uma idéa dessa grande epoca da exploração primitiva do globo.

Segundo Herodoto, Paleo-Tyro, a cidade da terra firme, fora fundada 3,500 annos antes da éra christan. Della sahiram as colonias de Sidonia, Septis, Utica, Carthago e mais republicas punicas do Mediterraneo. Do XI ao X seculo antes de Christo, prosperaram a navegação e as colonias que, para fins commerciaes, haviam fundado em todo o mundo. Tinham numerosos estabelecimentos atravez da Asia Menor, ao longo do Euphrates, até ao golpho Persico e ilhas de Baherem, e tambem no mar Vermelho, por onde iam á India e á costa oriental de Africa. Chypre e Rhodes foram suas colonias. Creta teve feitorias, assim como o Ponto e o Bosphoro. Estabeleceram-se nos cabos e ilhas adjacentes da Sicilia e fundaram Melita, na ilha do mesmo nome. Parte da Sardenha lhes pertenceu, sob o dominio de Caralis (Cagliari). A Corsega (Kyrnos), ilhas Baleares e França Meridional receberam emporios seus. Na costa sudoeste da Hespanha fundaram numerosos estabelecimentos, de que foi centro a famosa e mythica Tarsis, celebre pelas suas riquezas, e depois estenderam-se a Gades, Malaca, Septis, Utica e Carthagena. Muito semelhantes estes paizes á America no tempo de Colombo, foram os habitantes explorados e dominados, para se obterem os productos das ricas minas de ouro, prata, ferro, estanho e chumbo.

Em Africa iam do golpho de Silra (grande Syrthe) á ilha de Cerne (Arguim). Encontram-se immensas ruinas desta data no interior de Marrocos e nos limites do Zahará. Nas costas da Mauritania tinham 300 povoações, segundo Eratosthenes.

Nessa brilhante epoca florescia a Etruria, tambem pos-

suidora de navegação, e que contrahiu intimas relações com os descobridores da Europa. Nos tumulos etruscos de Alisio, Pyrgoi, Caera e Zambra, encontram-se figuras aladas, gryphos, combates de leões e outros productos mythicos, semelhantes aos dos monumentos de Babylonia. Tambem se encontram mercadorias egypciacas, imagens de Phta, com inscripções hyeroglyphicas, vasos de esmalte com flores de lotus, ovos de abestruzes e aromas do Oriente.

Antes do resto do mundo se conhecer entre si, os phenicios tinham grande commercio com a India, Ethiopia, Sardenha, Hespanha, Berberia e Africa. Navegaram no golpho Arabico, no Persico e no oceano Indico, e deram a volta de Africa. Excluiam as outras nações deste commercio. A Iberia tinha povos que não conheciam o valor dos metaes, que eram explorados pelos phenicios, em rivalidade com os gregos.

Tinham tambem commercio activo com o Sodão. Possuiam muitas colonias na Lybia e no occidente da Europa. Passaram ao Atlantico. Fundaram fóra do estreito, Gadir, na Hespanha, com um celebre templo de Hercules. Quando exploraram a costa de Africa, ventos violentos os arrojaram pelo oceano dentro. Muitos dias depois foram dar em uma grande terra, que pelas descripções parece ser a America do Sul, onde tiveram casas de recreio, mas não consentiram que a descoberta fosse divulgada, para impedir que os povos da metropole não se transportassem em peso a tão grata região. E' deslumbrante a reconstrucção ideal da irradiacção phenicia, ligando por sua navegação, usos, linguagem, escriptura e cultos as mais remotas regiões do mundo semi-barbaro, desde a Britannia e as regiões atlantidas até ao extremo Oriente. Foi um relampago de civi-

lisação geral que se dissipou com o apparecimento das raças conquistadoras da Média, Grecia e Italia.

Tyro succedeu a Sidonia na hegemonia, desde Ithobaal I até Assur-ban-habal, á testa das cidades phenicias, menos Arad.

Das discordias veiu a fuga de Elissar, que, na Mauritania, logar de Kambi, fundou Kart-Hadsat, a cidade nova que os gregos chamaram Karkedam, e os romanos Carthago. Assim como da immigração dos sidonios para Tyro viera a decadencia da metropole, Carthago estragou Tyro.

O imperio colonial soffreu com as vicissitudes das metropoles. Continuara a crescer até Ithobaal I. A Mauritania e a Hespanha do Sul, habitadas por povos mixto-semitas, não eram mais os limites. Os almirantes de Tyro exploraram para o sul a costa de Marrocos e fundaram entre Gadir e Senegal muitos emporios. Subiram pela costa da Iberia, atravessaram o mar da Gaulia e penetraram nas ilhas de Estanho, e talvez além da Gran Bretanha. Tyro ainda era a metropole commercial do mundo. Em seguida á morte de Ithobaal I, interrompeu-se o movimento. No seculo VIII A. C. precipita-se a decadencia. Em 734 a marinha grega irrompe pelos mares e apressa a revolução que a etrusca principiara, oppondo-se á phenicia. A Sicilia recebe colonias da Hellade.

Carthago, a cidade nova, eclipsou as rivaes, devido ao impulso da aristocracia que seguira Elissar. Quando os assyrios dominaram a Phenicia, esta abandonou as colonias, mas Carthago mandou Hannon reapossar-se dellas e repovoal-as. Sessenta annos depois da fundação conquistara o sul da Sardenha. Os phenicios da Sicilia, Hespanha e Mauritania puzeram-se debaixo da

protecção do novo Estado. No fim do reinado de Assurban-habal a Phenicia perdeu o resto das colonias. De dominadora tornou-se em corretora do commercio geral e manufactureira.

O Egypto tentara chamar a si o fructo de tantos esforços de seus antigos feudatarios. Em 611 A. C. Nekko II succedeu a Psametiko. Foi rei energico e formou marinha militar para dominar o mar Vermelho e o Mediterraneo. Com engenheiros gregos construiu uma frota. Tentou restabelecer o canal entre os dous mares. Quiz dar de novo a volta de Africa. As expedições dos tyrios e carthaginezes haviam revelado as riquezas dessas regiões adustas. Nekko II mandou que os seus nautas phenicios fossem pelo golpho Arabico e voltasssm pelo Mediterraneo. Dobraram o cabo do Sul depois de mezes, e de ali voltaram para o Norte. No terceiro anno entraram as columnas de Hercules e chegaram ao Delta.

No anno 600 A. C. um navio phoceano lançou a ancora na costa meridional da Gaulia, a léste do Rhodano. Conduzia-o um mercador de nome Euxenio, que ia em descobertas. Alliou-se a um maioral de tribu gauleza, casou com a filha deste e, no lugar, fundou Massilia, a actual Marselha.

Dous seculos e meio depois, um phoceano de Massilia procura imitar o navegador carthaginez Himilcon, e vai mar em fóra das columnas de Hercules. E' Pythéas, geographo e astronomo. Parte de Massilia, sahe pelo estreito de Gades, toma á direita pelo Atlantico, prolonga-se pelas costas da Iberia e da Celtica-gauleza, e chega a um estreito de 100 stadas de largo, que separa a Gaulia de uma ilha immensa, que Hi-

milcon entrevira com o nome de Al-Fion ou Al-Bion. E' a culta Inglaterra de nosso tempo, que então era um paiz selvagem, semelhante á Nova Guiné ou á Terra de Fogo. Quatro seculos A. C. ahi penetra Pythéas. Os habitantes extrahem estanho, que transportam em barcos de cortiça para a ilha de Ictis ou Victis (Wight), onde vão traficar os mercadores do outro lado do estreito. De lá o levam para a costa fronteira, e por terra ás ribeiras do Rhodano. Pythéas vai ás Orcades e de lá á ultima Thule, que parece ser antes a Noruega do que a Islandia. Diz elle, que além ha uma concretação de elementos semelhante a um *pulmão marinho*, que enche o espaço e envolve o universo de sua materia impenetravel. Levou um anno na viagem. Estava descoberto o ponto extremo do velho continente e ahi pararam os conhecimentos nauticos, devidos ao impulso phenicio.

Nearca, almirante de Alexandre, foi das bocas do Indo até ao Euphrates, e os dados geographicos que deixou estão hoje confirmados.

Depois do estabelecimento dos pequenos imperios gregos, devidos á divisão feita pelos capitães de Alexandre, começa o periodo de decadencia da antiga civilização oriental. Os grandes centros da Grecia Oriental, Egypto, Syria e Mesopotomia, estão em dissolução. Os capitães macedonios são conquistadores estrangeiros e Roma, que lhes succede, despreza o commercio e ignora a arte da navegação, que faz com seus tributarios. Quando a civilização hellenica penetra com os rhetoricos na cidade romana, a vastidão das conquistas desperta a curiosidade dos compiladores de tradições. De Julio Cesar aos Antoninos todos os mythos, textos curiosos e recordações erudi-

tas são compulsados pelos sabios do Lacio e de Alexandria. A civilisação antiga parece querer-se resuscitar; correm idéas novas e sorprendentes; a philosophia as aproveita e eleva-se ás grandes concepções cosmogonicas e theurgicas. E' o tempo de Plinio, Tacito, Virgilio, Seneca, Plutarco, que sabem além do seu tempo, e têm como Lucrecio, o maior desses pensadores, um vislumbre da grande sabedoria do futuro. Entretanto, essa irradiação é um testamento e não o principio de nova vida. O movimento de progresso, a tradição das descobertas não se perdeu, mas é aproveitada pelos pequenos e humildes, pelos tributarios e vassallos de Roma.

Ouçamos os textos mais curiosos, que então se colligem:

Aristoteles no tratado do *Céo* refere-se á rotundidade da terra e cita os paizes situados além das columnas de Hercules como proximos da India. Em um livro que lhe é attribuido, *Historias espantosas*, diz o seguinte:

« Além das columnas de Hercules, os carthaginezes encontraram uma terra deserta, abundante em florestas, rica de fructos e cortada de rios navegaveis. Está situada a algumas jornadas do continente. Os carthaginezes a visitaram e ahi estabeleceram colonias, mas zelosos da descoberta e posse, deram morte aos que podiam revelar-a. »

Accrescenta Diodoro Siculo:

« Para os lados da Lybia ha uma ilha de grande extensão, situada ao largo no oceano. Está no Occidente e distante da Lybia alguns dias de navegação. O solo é fertil, montanhoso e de grande belleza. Cortam a terra rios navegaveis. Veem-se numerosos jardins com toda a especie de arvoredos, e prados cortados com regatos de agua doce. Ha casas de campo sumptuosamente construidas e com

vergeis de flores. A região montanhosa está coberta de bastas florestas e variadas arvores de fructo. Têm essas alturas bellos valles e numerosos mananciaes. Toda a ilha se opulenta da abundancia das aguas. A caça abastece os habitantes. O mar que banha essa terra fornece numerozo pescado. O ar é tão temperado que as fructas e productos das arvores vêm e crescem na maior parte do anno. »

A interpretação destes textos, que não tem applicação senão a um ponto do novo continente, pôde explicar muitos logares obscuros da cartographia da idade média.

Diz Plinio, que Celio Antipater conhecera um mercador que navegara de Hespanha até á Ethiopia Oriental. Accrescenta que Hannon, no tempo da prosperidade de Carthago, fizera uma viagem de circumnavegação, desde Gades até á extremidade da Arabia, do que deixara relação.

Um certo Eudoxio, citado por Cornelio Nepote, fez igual viagem, mas no inverso, fugindo ao rei Lathyro; foi do golpho Arabico até Gades.

Metello-Celler, proconsul de Gaulia, recebeu em presente, de um rei suevo, alguns indiaticos, que, sahindo do Indostão para negociar, foram pela tempestade arrojados á Germania. E' mais verosimil que fossem indios americanos.

Possidonio, citado por Strabo, falla do resto de um navio gaditano, que, levado pelas tempestades, foi ter á Arabia. Confirma Plinio estes indicios, dizendo que no seu tempo reconheceram-se no golpho Arabico emblemas de navios hispanicos que haviam dado á costa.

Ainda no tempo de Cleopatra, Eudoxio de Cyzica tentou o periplo de Africa.

Strabo falla de dous ou mais continentes na zona tem-

perada. Seneca assegura que póde-se ir facilmente das costas de Hespanha até á India pelo oceano.

Sabe-se a prophesia de Seneca, o tragico, na *Medéa*, prophesia que tem recebido diversas interpretações, e que adaptaram á America. Colombo a leu. Seu filho, Fernando, escreveu á margem desse texto de Seneca, pertencente a um livro da bibliotheca de Sevilha :

« Esta prophesia foi cumprida por meu pai, Christovão Colombo, em 1492. »

Todas estas tradições, colligidas pela erudição latina, parecem indicar que ás occultas, e fóra do uso habitual dos dominadores, o commercio do Oriente com o novo continente europeu continuou-se por alguns seculos, em quanto as invasões tartaras na Asia, e slavo-gothicas na Europa, não destruíram os restos da civilisação que esta herdara dos egypcios e phenicios.

Succede um periodo de obscuridade e decadencia no extremo occidente, que exige ir buscar de novo a luz da industria e do progresso na Asia. Primeiro, nas navegações chinezas; e depois, na dos herdeiros de suas invenções, os arabes. A Europa é aos olhos destes povos um canto do mundo barbarizado, e de que apenas os sabios fazem menção fabulosa, como ha pouco nós phantasiavamos das regiões centraes da Africa.

São dos primeiros seculos da nossa éra as relações da China com o Occidente pela via maritima. Do primeiro ao terceiro seculo de nossa éra os navegadores da Europa e Asia Occidental procuraram penetrar nas regiões de léste. De 350 por diante a navegação chinesa estendeu-se até á ilha de Pinang, em seguida a Ceylão, e no fim até Hirá no Euphrates, e talvez até ao porto de Aden. Nos monumentos da Persia ha bri-

lhantes vestigios da influencia chineza no gosto artistico daquelle imperio.

Os arabes e persas emprehenderam a navegação para a China de 700 a 878, e de lá trouxeram os instrumentos nauticos, as cartas geographicas e as confusas noções de um novo continente, que se estendia até o sul, em frente á ponta austral da Africa. O seu commercio era principalmente no porto de Han-fú, junto da grande metropole de Hang-chú-fú. De ahi datam os contos persas acerca da India e Catayo, que denotam profundos conhecimentos do oceano Indico, até Madagascar, e acham-se colligidos na traducção de Galland. Depois de 878 cessa publicamente o commercio maritimo directo entre a Persia, Arabia e India, de um lado, e a China de outro, e essa interrupção dura quatro seculos.

Desde a segunda metade do seculo XIII uma navegação activa se estabelece da parte da China, entretanto que, do lado dos povos do Occidente, são raros os navios enviados á extrema Asia. Estas habituaes communicações e a segurança da navegação, tornada necessaria pelas dynastias tartaras da Asia, estão provadas pelas viagens maritimas de Marco Polo. Este impulso vai até 1450 e depois cessa, dando, porém, lugar ao incremento da navegação arabe, que tomara vulto com as conquistas mahometanas na India e Oceania.

Devemos accrescentar, que, desde tempos remotos, 200 a 250 A. C., a China euviara expedições com varia fortuna para a Asia Central e Indo—China. Este paiz tornara-se o centro de uma adiantada civilisação que abrangia desde o oceano Pacifico até ás fronteiras do imperio romano, e que incontestavelmente, nessa epoca,

estava muito superior à cultura relativa do pequeno mundo greco-romano. Quando ainda principiavam a formar-se as religiões mysticas e especulativas do Occidente, já a civilização indo-chineza entrava no periodo de transformação, que caracteriza as doutrinas pantheistas e positivas.

A religião de Bhudda appareceu na India 600 annos A. C., mas só teve importancia pelo tempo da invasão de Alexandre. São contestaveis as origens e mesmo a existencia do fundador Sakya-Muni, ou Gotama. Asoka, descendente de Kandragupta, e soberano de Magadhá, foi o maior principe do seu tempo, e o que tornou o bhuddismo religião official. Foi contemporaneo dos primeiros seleucidas. E' incontestavel que a India foi o berço desta religião que se propagou até á Russia e Suecia do Norte, e que se espalhou pela Asia Septentrional, Mogolia, Tartaria, China, Thibet, Nepál, Indo-China, Ceylão e Siberia. Ha até vestigios de sua propaganda na America Occidental.

Os annaes chinezes mencionam um missionario bhuddista penetrando no imperio do meio em 217 A. C., e no anno 120 A. C., um general chinez, depois de derrotar as tribus barbaras ao norte do deserto de Gobi, trouxe, em trophéo, uma estatua de ouro de Bhudda. Foi sómente em o anno 65 de nossa éra, que o imperador Ming-ti, reconheceu officialmente o bhuddismo como terceira religião do Estado. Desde então teve sempre na China as mesmas honras que as doutrinas de Confucio e Laó-tsé.

Depois da introducção do bhuddismo na China, o primeiro cuidado dos missionarios foi traduzir em chim os livros sagrados, originariamente elaborados em sans-

crito. Sabemos que o imperador Ming-ti, da dynastia Han, enviou á India, Tsai-in e outros funcionarios para estudar a doutrina. Encontraram ali dous sabios bhuddistas, Matânga e Chu-fu-lan, que traduziram os livros mais importantes em chim. As relações intellectuaes entre a peninsula indiana e a Asia Septentrional continuaram por muitos seculos, ao passo que por mar havia trato mercantil. Generaes e magistrados foram encarregados pelo governo chinez de visitar a India, de onde deviam trazer descripções geographicas e estatisticas, e memorias do estado politico.

Além destes transpunham o Hymalaya numerosos peregrinos religiosos. Trezentos annos depois de Ming-ti, cresceu essa concurrencia de peregrinos, que nos deixaram relações escriptas. A mais antiga é a de Fa-hian, no fim do IV seculo. Seguem-se as viagens de Hoei-song e de Song-yú, enviados á India pela imperatriz, em 518, para trazer livros sagrados e reliquias. Depois vêm as *Memorias acerca dos paizes occidentaes*, redigidas em 648, por Hiúang-tsang, e que compoem-se de 12 livros. Depois destes, os principaes são o *Itinerario dos cincoenta e seis religiosos*, escripto de 730, e o *Itinerario da viagem de Khi-ni*, que visitou a India em 964, á frente de trezentos monges samaneenses. Pouco a pouco, porém, as relações intellectuaes e religiosas foram diminuindo, o culto bhuddista, vencido pelo espirito de casta, decahiu na India, e o islamismo succedeu no dominio da peninsula aryana.

De todos esses descobridores chinezes o mais notavel é Hiúang-tsang. Nasceu em Tchín-liheú. Estudou as sciencias do tempo e fez votos monasticos. Veiu-lhe a idéa de ir completar os estudos em *Thian-tchú*, a India, á

imitação de Fa-hian. Passou pela terra dos tartaros oigures, pela Dzungaria, montes de Monsur-dabaghan, Belur-tag, valle do Iaxarte, Bactriana e Cabulistan. E' quasi o caminho que mais tarde seguiram os viajantes da idade média, viudos da Europa. Achou grande civilisação na Asia Central.

O commercio nessa antiga região da humanidade era florescente. Alphabeto tirado do sanscrito. Explorações de minas, horticultura adiantada, vestuarios ricos e litteratura consideravel. Samarkanda era uma especie de Athenas. O paiz estava coberto de escolas, conventos, monumentos e estatuas de varões illustres e deuses.

De Peshavar foi a Cachemira e de lá a Magadhá, a terra santa dos bhuddistas. Ahi ficou cinco annos estudando o sanscrito. Atravessou o Bengala e quiz ir a Ceylão. Foi na peninsula de léste a oeste, subiu pela costa de Malabar, chegou até ao rio Indo e viu os mais notaveis logares do nordeste da India. De ahi voltou a Magadhá. Na volta esteve em Kachgar, Yarkanda e Khotan, e depois de dezeseis annos de viagem, voltou ao paiz natal, onde lhe fizeram grandes honras, tal era a fama que o precedera.

Diz delle Max-Muller :

« Ha na sua vida e acções o quer que seja com direito a collocar-o ao lado dos heróes da Grecia, dos martyres de Roma, dos cavalleiros das Cruzadas e dos exploradores das regiões arcticas, e que nos obriga ao dever de inscrever-lhe o nome na lista dos grandes homens esquecidos. »

E' desta epoca de florescimento da civilisação chinesa que datam os primeiros vestigios do conhecimento da

1.292.574 Ad 18/05/2010

America nos tempos historicos. Não só os chins e japonezes travaram relações com o novo continente, como do norte da Europa partiram tambem exploradores, que o visitaram. Até certo ponto a propaganda do bhudismo, por um lado, e do christianismo, pelo outro, não foram alheias a estes trabalhos.

Na America encontram-se, na população primitiva, typos ethiopes, semitas, aryanos e turanicos. Os chins e japonezes conheceram a America sob o nome de Fu-sang e Fu-só. Pela corrente maritima de Kuro-Siro facilmente vieram ás costas da California, e de ali se adiantaram até ao Centro-America e Perú. Os autores chinezes dizem que Fu-sang distava da China vinte mil lis, ou proxivamente 8,880 kilometros. Nos seus livros ha gravuras com o *lama* representado. Na aldêa de Eten, do Perú, provincia de Lombayeque, departamento de Libertad, ha uma raça inteiramente differente, que falla o antigo chinez, e que os colhes entendem. Os chins entendem tambem quasi todas as palavras dos dialectos da California e territorios indianos dos Estados Unidos. Nas encyclopedias chinezas e japonezas mencionam-se missões bhuddaicãs enviadas a Fu-sang. Eichtal verificou, em muitas figuras dos monumentos americanos, perfeita identidade com as da architectura bhuddaica da Asia. Nas legendas encontram-se iguaes parecenças.

Coronado, no seculo XVI, encontrou em 40 grãos de latitude norte, navios de mercadores chins, que ali andavam traficando. Um viajante indiano, Moncacht-Apé, ajudou a aprisionar, no principio do XVIII seculo, um navio japonez, que vinha á embocadura do Oregon todos os annos commerciar e apoderar-se dos naturaes,

para os ir vender como escravos no seu paiz. Estas relações eram tradicionaes e só cessaram com a conquista européa da America. Havia mappas chinezes com a configuração approximada da America e do continente austral da Africa, e foi destas noções que Marco Polo, os arabes e os cartographistas da idade média, adquiriram vislumbres das regiões austraes. No Yucatan encontram-se vestigios monumentaes e artisticos das diversas raças invasoras da America.

Um grande juiz em conhecimentos historicos da arte comparada. Viollet le Duc, depois de examinar as photographias, plantas e descripções dos monumentos de Isamal, Chichem-Itza, Uxmal, Palenque e Mitla, em que estão representados os varios typos da architectura pre-historica da America, conclue deste modo :

« Ha certamente analogia de estylo entre todos os monumentos que descrevemos, mas não podem ser considerados uus e outros como pertencentes ás mesmas escolas de arte e, portanto, ás mesmas raças e tradições. »

Parece-lhe da' confrontação dos vestigios com as evoluções naturaes da arte, entre as diversas raças, que ali se acham representadas a malaya, turanica e aryanica.

Em quanto as raças asiaticas civilisavam e invadiam o centro e sul da America, um ramo indo-germanico procurava apoderar-se do norte.

Desde 770 a 877, os scandinavos descobriram a Groenlandia. Em 886, Erico o Vermelho, dobrando o cabo Farwell, edificou, no fundo de um *fiord*, a residencia de Brattahilda, cujas ruinas parecem uma cidade. Em 986, Bjarn Meriulfson, indo para a Groenlandia, foi arrojado pela borrasca ás costas da Nova Inglaterra. Em 1000,

Leif, filho de Erico o Vermelho, foi procurar a terra de Bjarn, aportou a Rhode Island, ali encontrou a vinha, e deu ao paiz o nome de Vinlandia. Construiu Leifsbudir, onde passou um inverno, e observou a meteorologia e os movimentos solares, de que resulta ser perto de Providence-town, em 41°, 24' 10" latitude norte.

Thorvald succedeu a seu irmão Leif, e foi passar o inverno no estabelecimento. Em 1003 explorou as terras proximas, e no anno seguinte o Norte. Ali teve combate com as tribus indigenas, de que lhe resultou a morte, e julga-se que fosse o seu tumulo o que se descobriu na ilha Rainsford, perto de Hull e do cabo Alderston. Em 1007, veio Thorfinn, sua mulher Gudrian e 160 homens, e estabeleceram uma colonia em Mount-Hope-Bay. Ali travou relações com os indigenas, a que chama Skrellings, e entrando com elles em luta, teve que retirar-se.

Attribue-se a elle a celebre inscripção de Dighton-Writing-Roch, aberta em um rochedo de Taunton-River. Succederam-se diversas viagens e lutas, das quaes se achou vestigios no tumulo de uma mulher morta pelos Skrellings em 1051.

Na Groenlandia havia colonias nas duas costas de léste e oeste, que se chamavam Oster-bygd e Vester-bygd. A primeira possuia duas cidades, Garda e Alba, 190 aldêas, uma matriz, quatro mosteiros e onze igrejas. A Vinlandia dependia da diocese da Groenlandia, que teve em 1121 um bispo irlandez chamado Erik-Upsi. Antigas tradições dos mosteiros irlandezes guardavam a noticia de uma grande terra do Occidente, que fora conhecida dos indigenas da Hybernia. A igreja de Roma contava em o XIV seculo com estas rendas da America. O Oester-bygd

ainda em 1418 pagava a Roma, como dizimos e dinheiro de S. Pedro, 3,600 dentes de morso.

No meiado do XIV seculo os Skrelliugs atacaram o Vester-bygd e o destruíram. Parece tambem que, em 1418, uma expedição de homens americanos atacou o resto dos estabelecimentos e os destruiu. Estas noticias, que constam das sagas islandezas e dos archivos pontificios do Vaticano, parecem, pelo menos, provar certo poder e adiantamento dos indigenas americanos e intima troca de relações com os normandos. Colombo esteve na Islandia em 1477, e talvez a tradição dos documentos locaes e irlandezes o levasse á supposta certeza de encontrar o Catayo na direcção oeste do Atlantico.

Emquanto o mundo indo-chinez se desenvolvia pelo Pacifico e oceano Indico e precedia o movimento da civilisação moderna, apenas as tentativas dos scandinavos alargavam transitoriamente as noções geographicas da Europa. Esta, barbarisada pelas invasões slavo-germanicas, apenas tinha vagas noções dos conhecimentos latinos, e noticias duvidosas da civilisação do Oriente. Era mister que os arabes lhe trouxessem a restituição da erudição classica e a iniciação nas descobertas dos persas e chins.

Cosmas, mercador e religioso egypcio, escreveu em 535 um livro intitulado *Topographia Christiana*, em que narra as viagens que fez até Ceylão, correndo a Ethiopia e Asia. Escreveu varios livros de geographia, que, infelizmente, se perderam e podiam elucidar pontos hoje obscuros da historia das relações dos povos entre a decadencia romana e as navegações arabes.

Arculpho, viajante francez do VII seculo, visitou Jerusalém e a Palestina, e voltou por Alexandria e Constan-

tinopla. Willibald, saxonio, andou no VIII seculo pela Syria e Palestina.

Depois principiaram as explorações dos arabes. No IX seculo já alongaram as navegações pelo oceano Indico. Dous mahometanos, Soleyman e Abu-Zeyd-Hassan, percorreram os mares e ilhas do sul da Asia, a India e a China. Os mouros, de Lisboa, mandaram navegar em direcção ao Occidente, procurando encontrar de novo as terras conhecidas dos antigos, e de que havia tradições vagas na idade media e no extremo Oriente.

Beujamim de Tudela, judeu hespanhol, foi até Roma, Constantinopla, Bagdad e Cairo, e voltou no XII seculo, peregrinando até o seu paiz.

A decadencia do imperio romano não mingoara no mais leve ponto o amor do luxo (*). A civilisação e trafico do mundo haviam meramente cahido nas mãos de novos possuidores. Os vastos dominios adquiridos pelos sectarios de Mahomet deram-lhes a supremacia de um commercio gigantesco. Para elles as communições maritimas não possuíam encantos, succedia o contrario; tanto assim que era bem notavel a peculiar timidez de sua navegação, sendo as caravanas os meios que empregavam para transportar por terra as mercadorias com que alimentavam um trafico constante, que se estendia do Mediterraneo á India, e do interior de Africa até Astrakan e paizes do Norte. Uma das estradas mais importantes destas caravanas era a que atravessava o grande deserto de Africa, e por ella se introduziam no Mediterraneo os escravos, o ouro em pó, marfim e malagueta, que se compravam dos negros.

(*) Major.

Para se conhecer o grão de florescimento a que chegara a civilização arabe e a vastidão de suas relações, que abrangiam as conquistas geographicas dos phenicios e dos chins, superpondo-se a essas duas nações da maior antiguidade, convém estudar a vida e viagens do seu mais curioso geographo. Ibn-Batuta (*) nasceu em Tanger e visitou, de 1325 a 1354, as costas de Berberia, Egypto, Syria, Arabia, Persia, Asia Menor, Constantinopla, Russia Meridional, Tartaria, Afghanistan, India, China, Maldivas, Ceylão, Zanguebar, Sodão, Tombuctú e Granada.

A paixão das viagens caracterisava os arabes e por ella se distinguiram na historia da civilização. Antes do grande impulso da navegação hespanhola e portugueza nos seculos XV e XVI, nenhum povo contribuiu como os arabes a alargar a idéa do universo e dar uma idéa exacta do planeta, primeira condição do progresso real. A falta de nacionalidades distinctas no islamismo tirava aos musulmanos um dos laços que mais prendem o individuo á nacionalidade. O musulmano não tem outra patria senão o Islam. De Tanger á Malesia, Ibn-Batuta não sahe do seu paiz; em toda a parte encontra a sua lingua e costumes; não o prende saudade alguma. O gosto do maravilhoso, cunho tambem do musulmano; a diffusão extrema da cultura intellectual, que o levou, para ouvir doutores celebres e visitar religiosos acreditados, a ir de Marrocos ao Cairo, de Mecca a Samarkanda; a sobriedade da raça arabe e hospitalidade facil a praticar em paiz, que não se presta á especulação sobre ella, taes são as causas das emprezas e do exito dessas peregrinações.

(*) Renan.

Póde-se dizer que longo tempo passará (*) sem que a humanidade offereça unidade comparavel á que o islamismo teve durante seculos. A dispersão dos individuos nas differentes partes do mundo era incrível. Ibn-Batuta achou quasi todos os empregos do Oriente preenchidos por gente do Magreb. Em Delhy encontrou um fakir de Granada, que já em Medina se casara com a filha de um doutor de Bugia, tambem domiciliado naquella capital indiana. Em Segelmesso, de Marrocos, recebeu a hospitalidade de um jurisconsulto, cujo irmão conhecera nos sertões da China. De um ao outro lado do mundo, parecia em sua casa e, cousa singular, para esses infatigaveis viajantes, a parte esquecida é o Occidente christão. Nunca ahi pisam, e os boatos que, por vezes, mencionam da Europa christan, mais proxima ás terras musulmanas, parecem-se com as fabulas que a geographia popular colloca nos confins do mundo.

Ao passo que as nações mais cultas da Europa se adiantavam no renascimento dos estudos e do commercio, iam investigando a nova civilisação que prosperava no Oriente.

No XIII seculo, um italiano, João Plan de Carpino, visitou o paiz dos tartaros. Já anteriormente os sectarios nestorianos tinham enviado missões á India e China, onde estabeleceram algumas dioceses de que provem os antigos christãos do Oriente.

Destas relações da idade média, a que mais influiu nas grandes descobertas foi a viagem de Marco Polo. A familia Polo, originaria da Dalmacia, estabeleceu-se em Veneza no anno 1033. Enriquecida pelo negocio, teve feitorias em Constantinopla e Crinéa.

(*) Renan.

Em 1260, dous irmãos, Nicoláo e Matheo Polo, foram com mascateação de ouro, de Constantinopla pelo mar Negro, até á feitoria da Criméa, e de lá ao Volga, onde se demoraram na residencia de Barka, neto de Gengis-kan e soberano dos tartaros occidentaes. Dahi foram a Bokhara, na Asia Central, onde se demoraram tres annos, passando depois para o norte da China.

Reinava ali o Grão-kan tartaro, que os recebeu bem e os incumbiu de uma mensagem ao papa, o que prova as relações anteriores da China com o christianismo. Vindo á Europa, de lá trouxe Nicoláo, seu filho Marco Polo, nascido em 1254, e que era joven de natural talento e penetração.

Marco Polo esteve no valimento do imperador da China e tomou parte nas suas empresas e governo. Com a perfeição da artilharia e balistica, que os venezianos lhe ensinaram, pôde Cublai-kan apoderar-se do Mangi, ou China do sul, quando até então só tivera o Catayo ou região do norte. Marco obteve o governo de uma das novas provincias. Nesta e outras missões adquiriu noções copiosas da China e paizes visinhos. Ainda se prova as relações maritimas da China com o Occidente, pela missão que teve Marco Polo de trazer uma filha do imperador a seu noivo, principe tartaro e soberano da Persia. Nessa navegação os venezianos atravessaram o mar da China, estreito da Sonda, oceano Indico, e, pelo golpho Persico, vieram a Ormuz, onde entregaram a princeza.

Dahi foram por terra a Trebizonda e Constantinopla, chegando a Veneza em 1295. As viagens vão de 1269 até esta data e comprehendem dados acerca das

duas Armenias, Georgia, Mossul, Bagdad, deserto de Lop, Tangut, Tartarias, Thibet, Mangi, Catayo e o Zipangú ou Japão.

Tendo entrado Veneza em guerra com Genova, Marco Polo, que commandava uma galera, foi ferido e ficou prisioneiro. Na prisão de Genova travou amizade com o pizano Rosticiano, a quem contou as viagens, e foi quem lh'as escreveu, por elle dictadas. Marco Polo foi resgatado em 1299 e parece ter morrido em 1323.

A relação das viagens e os mappas de Marco Polo foram guardados nos archivos da republica de Veneza, e quando mais tarde o espirito das descobertas e estudos geographicos appareceu em Portugal, serviram de estimulo aos primeiros empreendimentos deste paiz.

A tomada de Ceuta, no tempo de João I, fez inclinar seus filhos, de origem e sangue britannicos, pelo lado de sua mãe, para a investigação das relações commerciaes dos arabes.

D. Henrique, durante a sua estada em Africa (*) colheu importantes informações dos mouros a respeito das populosas nações do interior e da costa de Guiné. Temos provas evidentes da natureza das perguntas, redigidas com aquelle intuito, pelo infante, nas chronicas contemporaneas de Azurara e Diogo Gomes. Por este sabemos que o infante obteve noticias da passagem de grandes caravanas, que iam de Tunis a Tombuctú e a Cantor, no Gambia, o que moveu-o a mandar explorar aquelles paizes por via maritima. Tambem teve noticia das palmeiras que havia na boca do Senegal.

Ibn-Khaldun, no seculo precedente, considerava o cabo

(*) Major.

de Nam, como o termo da navegação; mas Ibn-Said menciona a chegada casual de alguns arabes ao cabo Branco, dous seculos antes, e o certo é que o cabo Bojador era já conhecido no anno de 1375, pois na carta catalan daquella data é denominado Bugeder. Aqui paravam os dados positivos sobre a costa.

A unica fonte (*) e por assim dizer limite dos conhecimentos geographicos de Africa, era o commercio; e os reinos do interior, com os quaes se fazia esse commercio, eram Melli, Tekrar, Takedda, Burnú e Kanem.

Destes o mais importante era Melli, que comprehendia as cidades de Kabra, Tombuctú e Kuku no Joliba. De Tombuctú já havia algum conhecimento na peninsula hispanica, porquanto, parece terem continuado frequentes communições entre essa cidade e o reino de Granada. Leão o Africano, natural de Granada, nascido no fim do seculo que foi testemunha das explorações de D. Henrique, falla da mesquita de pedra e do palacio real de Tombuctú, por serem trabalho de um habil architecto de Granada. Ibn-Batuta, escrevendo no seculo em que nasceu D. Henrique, menciona como curiosidade de Tombuctú o sepulchro de Abu-Ishac-es-Sahili, famoso poeta de Granada, que morreu em Tombuctú em 1346.

O infante D. Henrique, homem de raça forte e emprehendedora, educado por sua mãe no gosto dos estudos vigorosos de que Rogerio Bacon dera o exemplo á Inglaterra, teve a energia intellectual necessaria para prever as vantagens que a Portugal podiam resultar do aproveitamento das descobertas arabes. Esta idéa, implantada em Portugal pela alliança ingleza de D. João I, passou

(*) Major.

aos reinados de D. Duarte e D. João II, que proseguiram a sabia politica dos primeiros infantes de Aviz, e só declinou de D. Manoel em diante pelo terrivel influxo da dynastia austriaca, que abafou na peninsula os instinctos generosos da indole nacional, e veiu estabelecer o despotismo cesariano e theocratico.

Autorisado por D. João I, o infante escolheu para habitação o promontorio de Sagres, no reino do Algarve, do qual foi nomeado governador em 1419. Parece (*) que elle não se retirou para aquelle promontorio senão em 1437, mas já a esse tempo tinha elle o estabelecimento com o nome de Tercena Nabal. Era do proximo porto de Lagos que expedia os navios. Na Tercena dava-se ao estudo de astronomia e sciencias mathematicas e ainda ali existem vestigios do observatorio. Mandou vir, para reger os estudos, mestre Jacome, de Malhorca, douto na arte de navegar, que fazia cartas e instrumentos nauticos. Nestes trabalhos e estudos o acompanharam seus irmãos os infantes D. Duarte e D. Pedro.

Não se limitando a esse estabelecimento (**), fundou o infante a cadeira de mathematicas em Lisboa, e á universidade desta capital fez amplas doações em 1431. Os mouros e judeus, já no tempo de D. Affonso IV, haviam introduzido as sciencias exactas em Portugal, mas occultamente; no tempo do infante os estudos tiveram valimento e o proprio D. Duarte se deu a observações meteorologicas, que os modernos dados scientificos confirmam. D. Henrique mandou vir a Sagres os mais habeis mathematicos arabes e judeus de Marrocos e Hespanha. Obteve tambem a coadjuvação do veneziano Cadamosto, e do

(*) Major.

(**) Major.

genovez Antonio de Nolli. Destes trabalhos resultou o conjuncto de dados, cartas e rascunhos que, mais tarde, D. Affonso V mandou para Veneza para se traçar um mappa-mundi, trabalho que corre sob o nome de Fra Mauro, e que este redigiu de 1457 a 1459. Todos os elementos dessa concretação dos conhecimentos da epoca, e da obra descriptiva que tambem appareceu, são devidos ás navegações e investigações dos auxiliares de D. Henrique.

A respeito desses esforços, o insigne mathematico portuguez Pedro Nunes assim se expressa :

« Ora, manifesto é que estes descobrimentos de costas, ilhas e terras firmes, nunca se fizeram, indo a acertar; mas partiam os nossos mareantes mui ensinados e providos de estromentos e regras de astrologia e geometria, que são as camas de que os cosmographos hão de andar apercebidos, segundo diz Ptolomeu no primeiro livro da sua geographia. »

D. Fr. Francisco de S. Luiz exagerando um pouco os inventos da escola de Sagres, que os estudos ultimos não confirmam, é comtudo geralmente justo, quando assim avalia a sua influencia :

« Nesta escola se inventavam, fabricavam e aperfeiçoavam os instrumentos nauticos necessarios á navegação. Ali se faziam, e ensinavam a fazer observações astronomicas para regular e rectificar o curso dos navios e para verificar pelo calculo das latitudes e longitudes as paragens, em que se achavam e os rumos que deviam seguir. Ali se projectaram as primeiras cartas hydrographicas, nas quaes se preferiu desenvolver a superficie do globo, estudando os meridianos em linhas rectas, parallelas entre si pelas razões que aponta o sabio

Montucla. Dali sahiram os habeis cosmographos, que em tempo de el-rei D. João II aperfeçoaram o astrolabio e fizeram taboadas para se navegar pela altura do sol. Ali, emfim, se trabalhou incessantemente nos estudos da architectura naval, e em melhorar e aperfeçoar a construcção e a manobra dos navios, chegando a conseguir que as caravelas de Portugal fossem, naquelle tempo, os melhores navios de vela, que andavam sobre o mar, como se expressou Cadamosto. »

Entretanto inventariamos uma figura inteiramente convencional e anti-historica, se apresentassemos o infante D. Henrique como isento dos defeitos do seu tempo, e em tudo semelhante aos grandes pensadores do seculo actual. Um dos moveis do infante foi a razão astrologica, porque, diz Azurara :

« O seu ascendente foi Aryes, que he casa de Mars, e he eixaltaçon do sol. E porquanto o dito Mars foi em Aquario, que he da casa de Saturno, e em casa desesperança, senificou que este senhor se trabalhasse de conquistas altas e fortes, especyalmente de buscar as causas que eram cubertas dos outros homees, e secretas, segundo a calydade de Saturno, em cuja casa elle he. E por seer acompanhado do sol, e o sol seer em casa de Jupiter, senificou todos os seus trautos e conquistas serem lealmente feitas e a prazer de seu rei e senhor. »

Quem do meio destes incentivos confusos e mysticos se ergueu á concepção da descoberta do globo e á victoria do homem sobre o oceano tenebroso, é ainda mais digno de admiração. Acompanhou-o principalmente nestes esforços, um de seus irmãos, personagem quasi mythica, de que daremos succinta noticia.

D. Pedro era irmão mais velho do infante D. Hen-

rique. Conhecia o grego e latim e as sciencias mathematicas. Em 1416 partiu, acompanhado de doze pessoas, para percorrer a Europa e Asia Occidental. Visitou Valladolid, onde estava seu tio, o rei de Castella, que lhe fez presente de 5,000 ducados de ouro, e lhe deu um interprete, de nome Garcia Ramires, pratico de varios paizes e versado em linguas (*). Dirigiu-se para a Palestina, onde visitou os logares santos, e dali foi ao Cairo, no Egypto, em que residia o chamado sultão de Babylonia. Este o acolheu com a maior distincção.

Esteve em Roma, no tempo de Martinho V, que lhe fez mercê de privilegios para a cõrte portugueza. Andou pelas cõrtes de Hungria e Dinamarca, e com o rei Erico X, deste reino, dizem que esteve ao serviço do imperador Sigismundo. Depois da paz com os Estados da Italia, foi o infante a Veneza, e da republica recebeu, em homenagem, um exemplar dos originaes de Marco Polo, que a Senhoria guardava como raro thesouro. Desta obra se fez traducção portugueza, que Valentim Fernandes editou, em Lisboa, pelo anno de 1502. Tambem foi apresentado com um mappa, que, segundo Antonio Galvão, tinha todo o ambito da terra, e nelle figurava o cabo de Boa Esperança, e até o estreito de Magalhães, a que chamavam a Cola do Dragão, o que parece indicar origem chinesa, pois no Catayo devia haver mappas rudimentares da America, que Marco Polo trouxe.

O infante proseguiu para Inglaterra, onde Henrique VI o recebeu com honra e respeito, e a 22 de Abril de 1427 o fez cavalleiro da Jarreteira. Depois de doze

(*) Major.

annos de peregrinação voltou o infante D. Pedro, em 1428, para Portugal. Precedera-o ahi subida fama, e ficou a voz no povo de que elle andara as sete partidas do mundo.

Voltando a Portugal dedicou-se D. Pedro, com seu irmão D. Henrique, aos estudos cosmographicos, em que primavam os da cartographia e, sem duvida, o manuscripto de Marco Polo, o mappa de Veneza, e as noções colligidas de arabes e italianos, e cartas obtidas de Italia, China, Baleares e Catalunha, muito serviram para estabelecer as bases e dar impulso ás navegações.

Ha duvidas sobre as primeiras expedições ordenadas por D. Henrique, mas pela phrase de uma bulla do papa Nicoláo V, do anno de 1455, é de presumir que as tentativas datam de 1415.

A exposição que acabamos de traçar mostra a filiação das descobertas desde os phenicios até á escola de Sagres. Neste rapido quadro veem-se os pontos diversos em que a civilisação irrompeu no globo, os espaços obscuros que separavam esses pontos, o conhecimento mutuo que os paizes tinham entre si, e as difficuldades quasi invenciveis, que, em 1415, impediam os beneficios da civilisação de se tornarem geraes. A um lado a China florescente, adiantada nas descobertas industriaes, tendo percorrido todas as evoluções do espirito especulativo, e indo ao extremo da polidez social, mas retrahindo-se da expansão investigadora, que lhe fizera explorar dous terços do globo e concentrando-se na vida intima do proprio imperio e dos tributarios. Immediatamente a civilisação arabe, combatida pelo predominio reaccionario dos turcos, e começando a declinar para o fatalismo e a immobildade intellectual.

No extremo occidental do mundo, a Europa acordando apenas da longa lethargia da idade média, contendo em germen, mas nas mãos dos alchimistas e astrologos, as bases das sciencias modernas. O estudo da cultura grega e latina é ainda um mysterio difficil de vencer, e que se mescla com as fabulas do norte da agiologia. Entretanto, a Europa tem aspirações a aproveitar as conquistas industriaes dos arabes, as suas descobertas philosophicas e scientificas, mas falta-lhe o centro e a iniciativa. As tentativas de navegação dos normandos, bretões, genovezes e catalães, são antes aspirações e emprezas sem nexo, do que actos reflexivos, provindos de um plano.

E' então que apparecem os portuguezes e á frente delles D. Henrique. Estes diversos fócios de civilisação, dispersos pelo globo, vão ser reunidos pela extensão das navegações. A era de 1415 é a da civilisação moderna. Dentro de seculo e meio todo o globo será percorrido pelos compatriotas do fundador de Sagres.

A navegação scientifica, o commercio moderno, o impulso industrial da Enropa, a viação aperfeiçoada, as sciencias physicas, a imprensa, todos os elementos da civilisação geral, surgiram nesse mesmo espaço, e provindos do mesmo entrelaçamento do Occidente e do Oriente.

Esta é a epopéa de Canões.

Estudemos Portugal nessa grande epoca, e o ambiente da vida de seu immortal cantor.

O SECULO DE CAMÕES

Espectaculo da historia do seculo XVI.—O pensamento iberico de D. João II e D. Manoel.—O infante D. Henrique precursor de Erasmo e Bacon.—O Sr. Camillo Castello Branco e as investigações historicas.—Um viajante no tempo de Affonso V. — A lenda do mar Tenebroso.—D. Diniz economista moderno.—D. João II e as guerras estrangeiras.—Navegações e armadas de D. Manoel.—O commercio no principio do seculo.—Valentim de Moravia e a imprensa.—Como se convertiam os judeus por epistolas.—Garcia de Rezende e a influencia italiana.—D. Manoel e os dansarinos da côrte.—Francisco de Hollanda e a pintura.—Monumentos da architectura manuelina.—A universidade de Coimbra e os jesuitas.—O primeiro auto de fé.—O Rocio e a Rua Nova de Lisboa.—Um ricaço da India.—Um jantar de D. Sebastião.—Pilhagens da Inglaterra.—A igreja e o imperio do Oriente.—Ultimos annos de Camões.

O periodo que decorre de 1500 a 1580 é o mais grandioso da historia de Portugal e, talvez, do globo. A verificação dos documentos dessa importante epoca ; das navegações, chronicas, lutas religiosas, invenções e estudos philosophicos e artisticos, assombra o mais audaz espirito investigador. Parece que de um campo restricto, de um circulo de personagens limitado se passa de repente para a immensidade de um theatro illimitado, e que as nações se accumulam, surgindo dos varios pontos do horizonte e procurando tomar parte no drama complicado da civilisação moderna.

Mesmo attendendo só a Portugal, aos seus actos, relações e desenvolvimento, a vastidão dos materiaes, a extensão do espaço, a variedade dos successos faz recuar qualquer tentativa de exame acurado e concretção. Cessaram as lutas com Castella; as fronteiras ficaram esquecidas atraz das preoccupações de maior alcance e resultado; e o Algarve de além-mar é apenas uma escola de fronteiros, para formar capitães, almirantes, governadores e vice-reis.

O pensamento de D. João I e Affonso V, de irem buscar do outro lado do estreito, o espaço que a Hespanha não lhes queria dar na Galliza e a Europa lhes negava com os limites do Atlantico, já ficou subordinado á nova idéa do quinto imperio, que tem só por confins os do globo. Para os estadistas da força do infante D. Henrique, de D. João II, de D. Francisco de Almeida e Affonso de Albuquerque, a acção do reino abrange todo o Oriente, a destruição das velhas escalas do commercio, a absorpção da industria e navegação e o dominio financeiro das nações. Para D. Manoel e D. João III, além do fito commercial, ha o proseguimento da ambição occulta de ir obter forças no Oriente, para chegar á hegemonia das Hespanhas, á destruição do poder turco e ao dominio do globo pelo christianismo de Roma, pelo pensamento do concilio de Trento, que estabelece a alliança do pontificado com o imperio, oppondo barreiras ás velleidades republicanas da Italia e Allemanha e ás reformas intellectuaes da philosophia religiosa. O vulgo vê no Oriente amplas riquezas, fortunas rapidas, guerra aos mouros odiados, e nova carreira para as ambições pessoaes.

Percorrendo a immensa série de factos que se des-

tacam desta geral actividade, as averiguações assoberbam-se com a multiplicidade de interesses, circumstancias e homens, que figuram em cada ponto do vasto theatro, seja no reino, seja em Africa, no Brasil, na India ou no extremo Oriente. O conjuncto parece ser machinismo simples, com acção central e direcção uniforme, facil de comprehender e historiar, mas os pormenores contestam a graciosa apparencia. Para a narração ser fiel, tem que descer á luta dos interesses, das variadas influencias, das iniciativas separadas e da acção diversa dos personagens e grupos que se reparam por esse vasto theatro.

Entretanto, o resultado é incontestavel. As civilisações existiam. A China tinha feito a maior parte das descobertas das sciencias e das artes, e levava a acção da polidez e dos progressos economicos a uma extensão immensa do velho continente. A acção dos arabes fora tambem extraordinaria. O islamismo é ainda hoje o unico instrumento serio de civilisação para as raças turanicas e ethiopes. Aos imperios de Bagdad, Damasco e Cairo se devera o extraordinario adiantamento das artes e sciencias physicas na idade média, a unificação das relações entre o Mediterraneo e o oceano Indico, e a resurreição da cultura grega, que só vivera até ali nas fabulas das aulas monasticas e no ensino obtuso da philosophia escolastica.

Os portuguezes, rompendo com o tenaz proposito as difficuldades do mar Tenebroso, e ligando a Europa successivamente á Africa Occidental, ao Novo Mundo, á Africa Oriental, India e extremo Oriente, haviam revolucionado as sciencias, a industria, o commercio, a philosophia, e fundido as noções dos povos semitas e

turanicos com as de origem indo-européa. A philosophia experimental nasceu dessa revolução, e logo após ella appareceu o espirito analytico em Erasmo, para codificar os elementos, e o espirito organisador, em o chanceller Bacon, para dar nova direcção ao raciocinio e facultar-lhe o aproveitamento das descobertas scientificas. Aos moveis conhecidos da velha civilisação da idade media, á cavallaria, ao espirito de conquista, de aventura e de propaganda religiosa, succediam a curiosidade scientifica, a actividade industrial, a ambição das riquezas, a paixão pela liberdade individual e a iniciativa particular.

E' moda hoje amesquinhar as intenções e os feitos dos grandes actores dessa revolução civilisadora. Para os espiritos enamorados da hypocrisia das theorias allemães e francezas, os heróes do XVI seculo não passam de bandidos ignorantes, guiados pelo mais absurdo fanatismo. Negam-se mesmo a admittir-lhes os dados geographicos e historicos, esquecendo-se da nomenclatura que iniciaram e da ampla messe de conhecimentos que forneceram para os estudos orientaes. Pensam que a sciencia consiste em copiar as declamações de uma pretendida philosophia da historia, que subordina os seculos passados ao ponto de vista actual, e em mudar a nomenclatura phonetica e racional dos antigos descobridores para a absurda orthographia ingleza e allemã, que nada tem de commum com a indole de linguas como o chim, arabe e industanico; cujas physionomias são todas peculiares e com valores phoneticos inteiramente differentes. Da apreciação injusta dos homens e de seus sentimentos e estudos, passam a errados calculos sobre as influencias civilisadoras.

Pensam que a inoculação do catholicismo nas regiões descobertas foi uma infelicidade, e que só a philosophia materialista é capaz de estabelecer os principios de justiça entre as nações. Infelizmente a China nada conseguiu em vinte seculos, guiada pela philosophia de Confucio, e o fatalismo turco, congenere do pantheismo germanico, veio petrificar as sociedades florescentes, que a imitação hellenica dos arabes havia feito progredir e enriquecer desde o VIII até ao XIV seculo da nossa éra. O espirito eclectico, assimilador, absorvente, de livre acção individual, que é proprio do catholicismo latino, é que fundou a unidade da civilisação moderna, e quando este espirito declinou da fórma intima e duradoura, passaram os progressos dos povos orientaes, para a apparencia. Entretanto, as relações geraes estão estabelecidas, e já o estavam quando os primeiros navios hollandezes, francezes e britannicos chegaram no fim do seculo XVI, aos mares indicos.

Não se foi de um jacto a esse resultado. E' preciso ver a Europa, e mesmo Portugal, na sua vida intima da ultima metade do seculo XV, para poder apreciar a transformação e as difficuldades vencidas.

Um dos raros espiritos que, nas litteraturas da lingua portugueza, guardam ainda as tradições da boa critica e do amor á herança da gloria commum, o Sr. Camillo Castello Branco, dando valor á relação de um viajante do seculo XV, quasi ignorada, permite-nos apreciar bem o estado da sociedade naquelle tempo. O proprio espirito mordaz e faceto do illustre escriptor, que ás vezes o compromette, lança a lucidez sobre as partes defeituosas da narrativa. Ouçamos pois o que o barão de Rozmital, intimo do imperador de Allemanha, diz

pela penna do seu secretario, no anno da graça de 1466, acerca de Portugal.

Logo desde o principio nota-se a falta de boas estradas e as viagens pelos trilhos, morro acima, morro abaixo, como nos velhos tempos das colonias. Encontra a comitiva á margem do Tamega plantações de vinhas e amendoeiras. Já nesse tempo os vinhos do centro de Portugal tinham estimação. Em Braga admira-se da produção de laranjas, limões e romãs. A estrada entre a velha cidade e Guimarães é montanhosa e ingreme.

Naquella capital ecclesiastica encontra el-rei D. Affonso V, que o convida a fazer-lhe algum pedido. A scena é característica :

« Conservamo-nos nesta cidade oito dias. E quando estavamos para sahir della, indo-nos despedir do rei, este dirigiu-se ao senhor (o barão) mui attentiosamente :

« Sei que tu és da mais elevada nobreza, e por isso te rogo que para honra nossa e do nosso reino nos peças alguma cousa que te agrade, e nós havemos de satisfazer o teu desejo. »

« Ouvidas palavras taes, o senhor dava grandes agradecimentos ao rei e lhe pedia que, á vista da honra e da benevolencia com que era tratado, lhe desse dous ethiopes. O irmão do rei, que se achava presente, ao ouvir um tal pedido, dava gargalhadas e dizia :

« Amigo, pede cousas mais importantes e decentes do que esses pretos. Mas como sómente pedes isso, rogo-te que accrescentes a esse um outro presente meu, que é um macaco, e assim presenteado excellentemente voltarás para a tua terra, talvez que no teu paiz não tenhas nem pretos nem macacos. »

« Respondeu o senhor, que eram raros.

« Entre nós, porém, replicou o duque, ha grande abundancia dessas cousas.

« Este rei, meu irmão, possui tres cidades na Africa, para a qual região costuma mandar annualmente um exercito, e nenhuma expedição por pequena que seja, volta tão leve, que não traga perto de cem mil pretos ou mais, de toda a idade e sexo.»

« Tendo nós sahido do palacio do rei, este mandou dar ao senhor dous elegantes cavallos, a que chamou ginetes, incomparaveis em ligeireza e velocidade, e mandou o presente á hospedaria e nella pagou todas as nossas despezas. »

De Braga passou a Ponte de Lima, onde nota a excellente ponte, os muros e torres quadradas, e segue para Valença e Tuy. Em S. Thiago de Compostella, escapam de levar uma forte sóva da gente do paiz, apesar de ser logar frequentado por peregrinos de toda a Europa. Acham a cidade em poder da familia do arcebispo e, cercada pelos fidalgos, insurgidos contra D. Henrique IV, de Castella. As negociações para obter entrada na cidade e accesso ao tumulo do apostolo, a desinfectação do anathema de ter convivido com hereges e pagãos, e a recepção no interior da cathedral, são scenas vivas desses costumes barbaros, urdidos com paixões ferozes e fanaticas cren-dices.

Em Finisterra, na ponta atlantica da Galliza, contaram-lhes a legenda das navegações maravilhosas dos portu-guezes :

« Para baixo fica uma aldêa grande chamada Finisterra, pois além della nada mais ha, do que agua e mar, cujos limites ninguem conhece senão o proprio Deus. Está, porém, escripto nos annaes delles, que um dos reis de Portugal

mandou encher navios de todas as cousas necessarias, e puzera em cada navio doze escreventes, provendo-os de viveres para quatro annos, para que daquelle logar navegassem por igual espaço de tempo até ao mais longe possivel; e lhes mandou escrever o que vissem, os paizes desertos a que chegassem, e finalmente os contratempos que no mar experimentassem.

« Estes, portanto, segundo nos foi contado tendo sulcado o mar por espaço de dous annos completos, chegaram a umas certas trévas, das quaes sahindo, passado o espaço de duas semanas, aportaram a uma ilha. Ali chegados os navios á praia, tendo desembarcado, encontraram debaixo da terra casas construidas, abundantes de ouro e prata, das quaes, comtudo, não se atreveram a tirar nada. Por cima dessas casas havia hortas e vinhas.

« Sahindo dellas demoraram-se na ilha perto de tres horas, consultando entre si o que deviam fazer? Se deviam levar alguma cousa ou não? Um delles disse: Minha opinião é que não tiremos de aqui nada, pois é incerto o que disso póde resultar. Tornaram a embarcar, navegaram bastante tempo, viram grandes montanhas de agua levantar-se ante elles, e dous navios foram reconhecer o que era. Os da terceira nave esperaram dezeseis dias, e no fim delles, voltaram com grande susto, tendo passado dous annos, para Lisboa.

« Chegando ao porto, não os reconheceram. Estavam todos tão embranquecidos, que pareciam arvores cobertas de neve no tempo do inverno. Vão á presença do rei, que lhes pede contas, e elles narram os espantosos factos. »

Parece que era politica da cõrte portugueza, por

ciume da concorrência, occultar o resultado das navegações e deixar circular estas lendas maravilhosas, que, entretanto, provam os esforços para atravessar o mar Tenebroso.

Ouçamos as notas que o credulo secretario tomou acerca das principaes cidades.

« A principal cidade é Lisboa. Em volta della, dentro de cinco milhas, o irmão do rei recebe um grande tributo em vinho, o qual, de boa qualidade e limpo de fezes, lhe costuma ser pago em dia de S. João Baptista. Não se lhe pagando em vinho, paga-se-lhe uma grande somma de dinheiro. No Porto, o bispo tem o seu palacio construido em um alto lugar; a cidade jaz entre montes e proxima do mar. Em nenhuma outra cidade maritima vimos maior numero de navios. Nesta cidade ha muitos gentios, que são vendidos pelos christãos; pois todos os annos muitos milhares de captivos destes são trazidos, vendidos e comprados. Outros gentios, que costumam ser trazidos de Berberia, têm os corpos pintados, e destes e de outros ha uma grande chusma em Portugal.

« Coimbra não é grande, porém elegante e fortificada. Abaixo da cidade, ao correr do rio, os campos são amenissimos. O caminho, para esta cidade, é por entre montes, que produzem herva-doce. E não longe de ali se enxergam outros montes que produzem oliveiras, no meio das quaes ha vinhedos e outras arvores. Junto da cidade, e da outra banda do rio, ha um elegantissimo mosteiro. Não entrámos porque havia peste na cidade. Entre Coimbra e o Porto fica Arrifana, cuja população não é christã, compõe-se de sarracenos negros e brancos. »

As notas sobre Thomar são curiosas :

« Nesta villa vimos como os padres celebram sua primeira missa. Dita esta, nesse dia e nos seguintes, percorrem a povoação com flautas, e nella tudo retumba com dansas e cantigas de homens e mulheres e padres, entoando o côro o novo celebrante. Ha ali tambem esta costumeira: morrendo algum levam para a igreja vinho, carne, pão e outras comidas; os parentes do morto acompanham o funeral com roupas brancas, proprias dos enterros, com capuzes á maneira de monges, com o qual vestuario se vestem de modo admiravel. Aquelles, porém, que estão assalariados para carpirem o defunto, vão vestidos com roupa preta, e fazem um pranto, como os daquelles que entre nós pulam de contentes, ou estão alegres por terem bebido. »

Em Evora, onde estava a côrte, nota em casa de el-rei gatos de algalia, e menciona que na cidade ha muitos sarracenos, e perto de tres mil ethiopes, homens e mulheres de Berberia.

O quadro da idade media é perfeito. Ignorancia e superstição. Falta de segurança e isolamento das localidades, pois tudo está dividido em pequenos Estados e é mister aos viajantes obter salvo-conductos para ir de legua em legua. Como se operou a transformação dessa Europa fraccionada, ignorante e eivada de paixões fanaticas, em que a escravidão é a instituição mais generalisada e consagrada, para a sociedade moderna? O esboço seguinte explicará a grande parte que o povo portuguez teve neste immenso trabalho, e que lhe mereceu ser cantado e dar a patria ao primeiro poeta da civilização cosmopolita.

D. Diniz é incontestavelmente o primeiro vulto que em Portugal apparece com as aspiracões de progresso economico. Não é um guerreiro, é um economista, não é um cavalleiro aventureoso e semi-louco, é um pensador e poeta idealista. E' pelos poetas que se reforma o mundo. Camões presidiu á creação da nova civilização, Frederico II evocou das charnechas do Brandeburgo a Allemanha contemporanea, e Lamartine foi o precursor da republica opportunista e pacificamente unificadora da Europa. E' D. Diniz um vulto desse alto quilate.

Contrata em 1317 e confirma em 1322 com misser Manoel Peçauha, genovez, *muito perito nas cousas maritimas*, a creação da marinha. O genovez obriga-se a ter sempre 20 patricios seus, homens do mar, que ensinem a navegar como alcaides e arraiaes. Aproveitando a pequena frota dos reis antigos a accrescenta e prepara os elementos da nova. Para ter madeiras de construcção apropriadas, em logar adequado ao transporte maritimo manda semear o pinhal de Leiria, sem o qual seria impossivel conservar depois a navegação da India, pelas grandes embarcações que ella requeria, e que se não podiam fazer senão de grandes e antigas arvores. (*) Obtem do papa João XXII os dizimos ecclesiasticos para acudir a armada.

Sustentou sempre guerra repressiva contra os mouros da costa fronteira, expulsos do Algarve. O almirante Peçanha tinha o quinto das presas. Reprimiu e castigou as ousadias maritimas de Castella. Em substituições dos Templarios, que trouxeram á Europa a fraternidade das

(*) D. Fr. Francisco de S. Luiz.

associações secretas da Asia e o contraveneno do isolamento religioso, fundou em Portugal a gloriosa Ordem de Christo, que levou o christianismo do cabo de Nam aos mares da China. Deu-lhe por assento e cabeça a villa de Castro Marim, á foz do Guadiana, no extremo Algarve e sobre a costa do mar. Era um ninho de aguias namorando as presas do *oceanos tenebroso*. Promoveu o commercio de longo curso dos nacionaes, e dos direitos das praças maritimas ajuntou avultadas riquezas. Com a vinda de muitas armadas de cruzados do Norte a Lisboa, de passagem, foram-se adquirindo relações com a Grecia, Syria, Constantinopla e Egypto, e perscrutando os conhecimentos arabes, que haviam de servir nas descobertas. E' este o rei *mesquinho* dos nossos historiadores contemporaneos.

D. Affonso IV continuou a obra do antecessor e tentou os primeiros reconhecimentos em Africa. Foi elle que, em 1344, respondeu a Clemente VI, que não accedia ás pretenções dos estrangeiros, porque as ilhas afortunadas lhe pertenciam por primazia de direitos. Crescem as relações commerciaes. Lisboa torna-se um emporio. A riqueza da agricultura e da industria chama a navegação estrangeira. D. Pedro I, o musico, namorado e dansarino, o *louco da justiça terrivel* e igualadora, é um rei burguez e economico. No seu tempo Lisboa tem grande contratação de vinho, azeite e sal. Abordam ao porto, cada anno, 300 a 400 navios. Quando morre, lega ao fraco successor uma educação esmerada e intelligente, e nas arcas do paço 80,000 peças de ouro e 400,000 de prata.

D. Fernando, fraco de caracter e moralidade, era instruido e intelligente. Foi habilissimo e superior ao seculo

em providencias de policia interna, agricultura e commercio.

Fez leis para impedir a incuria dos grandes proprietarios feudaes, que deixavam vastos terrenos incultos como ora acontece no Brasil. Perseguiu os vadios, mendigos e ociosos, praga que passou o Atlantico e infesta a America do Sul. Fez leis de protecção concedendo privilegios aos vassallos que mandassem vir navios de fóra ou os fizessem nos estaleiros do reino, isentando-os de direitos e deu-lhes o exemplo em numerosas construcções. Pôde assim dispor de uma frota de 32 galés e 30 náos, notavel para a epoca e para o reino. Mandou fortificar Lisboa para garantir a capital maritima e politica. Tentou apoderar-se da Galliza, de que hoje o reino sente a falta, para o desenvolvimento economico. Estas idéas novas chamam ao reino novas gentes. Vêm genovezes, lombardos, aragonezes, mayorquinos, milanezes, corsos e biscainhos, commerciar e estabelecer-se em Lisboa, Porto e outras praças. A capital é uma cidade hanseatica, ligada ás republicas do Norte. O commercio é privilegio dos mercadores, prohibido a fidalgos e clerigos. A capital exporta por anno 12,000 toneis de vinho, e a alfandega rende 40,000 dobras. O rei cria uma caixa de seguros maritimos mutuos, (*) com o producto de taxa especial, lançada ao commercio. Reduziu á metade os direitos de exportação de generos, vindos em navios nacionaes. Deu a quem desejasse construir navios, o direito de córte nas mattas reaes. Entrou em conta de commandita e participação de lucros com os armadores que tentassem empresas de fóra. Emfim, foi uma exce-

(*) Oliveira Martins.

pção em toda a idade média da Europa, e mereceu andar excommungado na historia pelos frades e doutores de capello, que a escreveram durante tres seculos.

A casa de Aviz aproveitou estes elementos, dando mais vasta direcção ao pensamento governativo. Recebera sangue e idéas do Norte e legou-os a dous seculos deprehendimentos. D. João I ajuntou aos moradores naturaes e á escravaria preta e moura, que ia pelo reino, colonias de estrangeiros, que contribuíram para formar o actual povo. A navegação teve extraordinario incremento. Para a expedição de Ceuta, segundo Zurita, levou 33 galeões, 27 menores de tres ordens de remos, 32 galeras e 120 outros vasos menores, com 50,000 homens, dos quaes 20,000 já tinham militado e os outros eram remadores e marinheiros. Só do Porto lhe trouxe o infante D. Henrique 35 náos e galés, e com a sua intrepida gente e boa direcção é que conseguiu o exito da empreza. Em 1429, indo a infanta D. Isabel casar com Felippe de Borgonha, a armada portugueza, que a levou á Ecluse, em Flandres, era de 39 vélas. Era então grande o commercio com os flamengos, que influiram em Portugal e nas colonias, com immigrações, idéas industriaes e até gosto artistico, pois a verdadeira escola portugueza, a gothica, é de origem flamenga.

Embora menos atilado que seu antecessor, D. Affonso V continuou a dar impulso economico ao reino. No seu tempo, D. Henrique, com seu engenho tenaz, impassivel e ousado, conseguiu vencer as repugnancias, que as fabulas latinas e arabes, haviam semeado no povo contra o mar Tenebroso. Continuaram os descobrimentos, e desde 1438 a 1481, se descobriram as ilhas

Açores e as de Cabo Verde, S. Thomé e Príncipe, e pela costa se foi do Senegal até ao cabo de Santa Catharina, 3 grãos sul de latitude. Em 1458 levou o rei 220 baixeis á tomada de Alcacer Seguer. Em 1471 tomou Arzilla e Tanger com uma esquadra de 300 navios, em que iam 30,000 homens de desembarque. Isto incommodava os nossos bons aliados inglezes, e Falcombridge, sobrinho do conde Berwick, no mesmo anno, tomou doze navios portuguezes á sahida de Flandres. D. Affonso V foi expedito, e logo deu carta de marca aos armadores portuguezes. Resultou que o rei de Inglaterra pediu pazes e deu satisfações. Pouco depois os reis catholicos mandavam 30 navios a Guiné, usurpando os direitos portuguezes, mas o filho do Africano mandou tomal-os e, com todas as avultadas riquezas que levavam, os trouxeram a Lisboa. Fez-se logo a paz.

D. João II foi o digno herdeiro das idéas de hegemonia de D. Fernando e dos planos de dominio maritimo do infante D. Henrique. Cabeça fria, espirito calculador, coração duro, animo superior aos transe da fortuna, levou avante os planos de cesarismo de D. João I, e nunca tirou da cabeça a idéa de annexar a Portugal o resto da peninsula iberica, e dar direcção á Europa com as idéas portuguezas e as forças adquiridas nas conquistas. Deu o maior impulso ás descobertas. Fundou S. Jorge da Mina. Descobriu o Congo, e fez ir até ao cabo de Boa Esperança. Mandou, por mar, expedições para o oeste em devassamento do Atlantico, e por terra exploradores á India e Ethiopia. Conheceu afinal o fundo da lenda do *Preste João*, e soube que era um equivoco, mas que o symbolo mythico encobria um mundo de riquezas, dez vezes maior do que a Europa.

De uma familia de mathematicos e artistas fez aperfeiçoar o astrolabio e applical-o á grande navegação. Corresponhia-se com Angelo Policiano, e accitava-lhe a missão de historiar os grandes feitos dos portuguezes. Mandava buscar sabios á Europa e enviava mancebos nobres e talentosos á Italia, fóco do renascimento das lettras. Servia-se de judeus e arabes para devassar os segredos do Oriente e das sciencias novas. Pela pratica que tinha dos officios inventou metter grossas bombardas em pequenas caravelas, estabelecendo assim a moderna marinha de guerra. Tendo os navegantes da Bretanha incommodado o commercio portuguez, bloqueou a velha Armorica e arruinou-lhe o commercio. Em 1492, os francezes tentaram experimentar o leão do mar, e tomaram uma caravela que vinha com carga preciosa e ouro. Ahi apparece na historia Vasco da Gama. D. João II poz embargos nos navios francezes, e só em Lisboa aprisionou dez, fóra os de Aveiro e Porto. Incumbiu ao Gama ir a Setubal e ao Algarve aprisionar os que lá estavam. Carlos VIII recuou, e escreveu logo, dando satisfação, e fez restituir a presa, a carga e o ouro, e el-rei só se satisfez exigindo-lhe os menores objectos.

Neste meio tempo as idéas cesaristas e autoritarias haviam levado o genio meridional da Hespanha a uma exaggeração. O governo dos reis catholicos quizera uniformisar as crenças e expelliu os judeus de suas possessões. A idéa era popular em toda a peninsula, menos pela roda intelligente da côrte de Lisboa. D. João II fingiu prestar-se á perseguição, mas abriu secretamente as portas á torrente de riquezas que o fanatismo lhe arrojava. Os judeus refugiaram-se em parte no reino

portuguez, onde a administração procedia por motivos seculares, e até D. João III não se deixou arrebatado pelo falso zelo religioso. O povo não partilhava a tolerancia de D. João II, mais sabio do que elle, e que era contra o fanatismo das classes oppressoras dos mouros e ethiopes escravos. As côrtes de 1481 notavam as riquezas e ostentação dos judeus, ignorando o proveito que dellas vinha á nação.

Mais de 20,000 familias de judeus hespanhóes (*) se refugiaram em Portugal. Deu-lhes el-rei guarida por oito mezes, sob condição do imposto de oito cruzados por cabeça e pena de escravidão quando não sahissessem no prazo marcado. Foi apenas um subterfugio não cumprido. A reproducção da raça foi tamanha, que no fim do reinado houve proposta de colonisar S. Thomé com os filhos dos hebreus. Mais tarde a India, e principalmente o Brasil deveram os seus povoadores mais ricos e intelligentes á raça dos christãos novos, ou vindos directamente de Portugal, ou depois da expulsão, pela Hollanda.

Quando D. Manoel subiu ao throno os elementos estavam promptos, e as frotas e bandos militares, os mathematicos, artistas, sabios e guerreiros preparados. Descoberta a India, succederam-se rapidamente as armadas. Em 1500 parte Cabral com 13 náos e 1,200 homens. Em 1501, João da Nova, com 4 náos. Em 1502, outra vez D. Vasco da Gama com 20 velas. Em 1503 partem as armadas de Francisco de Albuquerque, Antonio Saldanha e Affonso de Albuquerque. Ao mesmo tempo vão expedições ao Brasil, guardam frotas as

(*) Oliveira Martins.

costas do reino e a de Africa. Veneza, ameaçada pelos turcos, pede soccorro, e D. Manoel, generoso, manda-lhe D. João de Menezes com 30 náos e 3,500 homens. Os turcos se retiram. O cardeal Ximenes, o creador da nacionalidade hespanhola, o sabio polyglotta, o espirito ousado, propõe-lhe a alliança das grandes potencias, para expellir o turco da Europa, e conquistar o Egypto, e D. Manoel a acceita. As duas cartas que escreve a Ximenes, merecem-lhe, na posteridade, os elogios de Leibnitz, o creador da historia philosophica.

Em 1504, segue Lopo de Albergaria para a India com 12 náos grossas. Em 1505, D. Manoel envia um homem de Estado e um grande economista pratico, D. Francisco de Almeida (*) com 22 velas, sendo 16 náos grossas e 6 caravelas. Neste anno sahiram por vezes para a India 30 náos. Em 1513, desencadea-se a tempestade do islamismo. Veneza favorece os antigos inimigos, porque em 1504 já se extinguiu o seu commercio do Oriente. D. Manoel bate-se nos mares orientaes com todo o poder do soldão do Egypto e dos principes indús e mahometanos. O poder de Lisboa contém a conquista turca que ameaça a Europa e a civilisação renascente. O rei poderoso manda o duque D. Jayme, com 400 navios, 16,000 infantes e 2,500 cavallos, atacar o mahometanismo em Marrocos e tomar-lhe Azamor, Tete e Almedina. Diz Damião de Góes que D. Manoel chegou a ter 300 navios occupados nas conquistas da Asia, Africa e America.

Para obter estes resultados militares, carecia de providencias administrativas, e soube tomal-as. Tinha em varias partes do reino cordoarias para fabricar o canhamo que

(*) D. Fr. Francisco de S. Luiz.

dava o paiz. Para a artilharia, além das fabricas dos anteriores reis, mandou fazer fundição nas Tercenas da Porta da Cruz, em Lisboa, e a Casa da Polvora. Tinha armeiros, á custa da fazenda real, para o fabrico de armas de toda a sorte, em Coimbra, Evora, Porto e mais doze logares do reino. *Os fornos de el-rei*, em Setubal, eram 39, e podiam fornecer pão para 30,000 homens e biscoutos para 20,000. A casa dos trigos acomodava 9,000 moios.

O commercio sentia o influxo deste forte impulso. Na ilha da Madeira, D. Henrique mandara vir canna e mestres fabricadores de assucar da Sicilia, e cepas de malvazia de Candia. Em breve a producção foi copiosa. Barros diz que produzia 300,000 arrobas de assucar. D. João II mandou povoar, em 1492, a ilha de S. Thomé. No meiado do seculo XVI tinha 60 engenhos, e exportava 150,000 arrobas de assucar. O commercio era de portuguezes, castelhanos, francezes e genovezes. O negocio em Africa tomara vulto, desde 1444, em que o infante D. Henrique autorisara a companhia de Lagos a fazer commercio nas ilhas de Arguim. Em 1447, já se achavam juntos naquellas paragens 27 navios portuguezes que traficavam pela costa. Depois da descoberta do reino de Beny e da Mina, começaram os portuguezes a levar pimenta a Flandres. D. Affonso V creou o cargo de vedor da fazenda e feitos do mar oceano. D. João II instituiu em Flandres feitoria, que velava pelos seus negocios e protegia os dos subditos.

D. João II abatera a metade dos direitos da alfandega de Lisboa e attrahiu a ella o commercio da Andaluzia e Galliza. Em Setubal, deu impulso e concluiu o aque-

ducto, que originou a riqueza e trafico da villa. Aveiro tinha em 1550 para mais de 150 embarcações de commercio, andando 50 navios de pesca na Terra Nova. Villa do Conde, Espozende e outros portos tinham pescarias de mar alto. A cidade do Porto possuia grande navegação e exportava vinhos. Vianna mandava navios ao Brasil em que empregava 70 velas. Caminha tinha forças para armar frota e repellir os corsarios que andavam na costa.

O fanatismo religioso do povo, atizado pelos frades ignorantes e inimigos das artes uteis e relações externas, contrariava o engrandecimento. D. Manoel era tolerante, mas o sonho da hegemonia iberica fazia-lhe sacrificar ao deus Moloch dos populares. O casamento com a filha do rei catholico fez-lhe dar o primeiro passo em falso. Em 1496 publicou a ordem de expulsão de todos os judeus e mouros forros, quer naturaes, quer emigrados, que recusassem o baptismo; seriam na falta punidos de morte ou confisco. Exilio ou conversão. Optaram, na maior parte, pelo segundo alvitre (*) mediante a concessão de, durante 20 annos, não serem devassados nas suas crenças. O povo não acreditava nas conversões; pedia a inquisição e trucidava os infelizes convertidos em Lisboa e nas provincias.

Entretanto a imprensa ahi vinha. Terrivel athleta, nascente ainda, devia mais tarde vencer as fogueiras da inquisição, o espirito semita e cruel do povo, e os tramas mysticos dos jesuitas. Barcelona a recebeu em 1473, Valencia em 1474, Saragoça em 1475, Sevilha em 1476. Portugal a teve cedo, mas o seu mais valente apos-

(*) Oliveira Martins.

tolo, assim como de todas as idéas progressistas foi Valentim de Moravia.

Emquanto nós descuramos os homens illustres que fizeram a nação grande do seculo XVI, que nós não sabemos continuar, nem comprehender, andam os sabios inglezes e allemães investigando a vida de cada um delles.

Valentim o Moravo, ou Valentim Fernandes, é um delles. Como outros flamengos e allemães que trouxeram as artes a Portugal, elle estabeleceu-se em Lisboa, no officio de impressor. Em 1495 associou-se com Nicoláo de Saxonia, e imprimiu a *Vida de Christo*, do monge Ludolpho, que fora traduzida ao portuguez, em 1445, por Bernardo, frade de Alcobaca. Era tambem notario e traductor dos allemães. Como já dissemos, o infante D. Pedro trouxera consigo de Veneza o precioso manuscripto de Marco Polo, que lhe offerecera em homenagem a Senhoria da republica. Deste manuscripto, e do texto latino do frade dominico Pepino de Bolonha, que fora mandado de Roma a el-rei D. João III, fez Valentim uma traducção em portuguez que imprimiu em 1502. Tambem traduziu as *Viagens á India*, do genovez Jeronymo de S. Stephano, e a do veneziano Nicoláo de Conti do texto latino de Poggio Bracciolani. D. Manoel dava grande importancia a estas obras, por conterem as mais remotas viagens á India.

Espectador das descobertas, Valentim colligiu as primeiras relações de viagens e os estudos nauticos dos pilotos. desde Azurara, que é de 1418, até Hans Mayr, de 1507, e accrescentando-lhes descripções suas dos novos paizes e notas sobre a arte de navegar no grande oceano, deixou um monumento precioso para os sabios investigadores.

Quatro iniciador do Renascimento foi o celebre Aquila Siculo Cataldo. Siciliano, formou-se em Bolonha, onde leccionava, e de ahi o mandou buscar D. João II, para mestre de seu filho natural D. Jorge.

Foi professor da casa de Abrantes. D. Manoel o tomou para escrivão de suas cartas latinas. A este dedicou as obras, que foram impressas em latim, em Lisboa, pelos annos de 1500. Era Cataldo respeitado pelos sabios estrangeiros e muitas vezes consultado em latinidade. Foi dos que introduziu o uso dos termos *Luzitani* e *Luzitania*, em vez de *Portugalenses* e *Portugale*, nomes usados desde a independencia do reino.

E' curiosa a carta que escreveu ao Rabi de Napoles procurando convencel-o de que os judeus se deviam converter á religião catholica. Eis um dos topicos mais eloquentes :

« O' viboras, ó basiliscos mais perniciosos que as proprias viboras e os proprios basiliscos ! o justissimo rei não poderia, em minha opinião, offerecer um mais agradavel presente ao rei celestial, que esfolar a todos os principes da Synagoga, e, depois de esfolados, arrojá-os a um rio, onde houvesse bastantes penedos..... Ignoras por ventura, que neste mesmo anno, em que nos achamos, os Davids, teus parentes, cujo numero era infinito, foram todos mortos na Panonia, e piissimamente estrangulados pelo povo ? »

No *Liber de perfecto homine*, queixa se das difficuldades que teve para escrevel-o, pois necessitando consultar numerosas obras, não o pôde fazer por serem os livros então (1490) raros em Portugal. Em breve haverá uma inundação de livros e livreiros.

Clenardo, Nicoláo Kleinartz, filho de Diest, no Bra-

bante, a convite de André de Rezende, veio de Salamanca para mestre dos infantes D. Duarte e futuro cardeal D. Henrique. O seu influxo foi ás provincias, pois leccionou latim em Braga, onde publicou uma grammatica dessa lingua, que teve numerosas edições. Era espirito sagaz e critico, e nas cartas que escreveu a seu mestre Jacobo Latano, *Nicolai Clenardi Epistolarum libri duo*, deixou curiosa descripção do estado semi-barbaro do paiz. Nellas diz que os mouros e ethiopes, empregados na qualidade de criados de servir em Portugal, eram tantos, que lhe parece maior o numero de escravos que o de pessoas livres neste paiz.

Entre os naturaes houve curiosos de saber, que procuraram igualar os sabios de fóra. Garcia de Rezende foi grande architecto, habil desenhador, chronista pittoresco e excellente musico. Contribuiu com o seu talento para os afamados serões de D. João II, e no *Cancioneiro*, livro de ouro da verdadeira nobreza do reino, salvou os nomes de 286 poetas e fidalgos portuguezes. Ao povo causava estranheza a sua paixão artistica, e Gil Vicente com elle se diverte nas *Córtes de Jupiter*, representadas em 1521, perante D. Manoel. Garcia de Rezende deixou escriptas as duas missas de S. Isabel e S. Gonçalo de Amarante, impressas em Lisboa. Na *Miscellanea* faz menção dos celebres artistas da epoca. E' tradição que morou em Evora, em casas aos poços de S. Manços, e cade ainda hoje se vê a mais linda janella do gosto manuelino. Na embaixada que em 1506 mandou D. Manoel a Julio II, ia Duarte Galvão por embaixador, e Garcia de Rezende de secretario. Tambem foi na esplendida embaixada de 1514, que o rei mandou por Tristão da Cunha a Leão X. Ahi Roma tornou a ver um elephante, e

Alberto Dürer pintou o primeiro rhinoceronte que veiu á Europa. Garcia de Rezende orgulhava-se de ter tratado com Miguel Angelo, Raphael e A. Dürer.

E' na Italia tambem que Sá de Miranda vai admirar os maiores espiritos da epoca, em cujo trato intimo é recebido. De lá trouxe o gosto pela nova poesia, que o fez reformador e mestre da nova epoca litteraria. Adquiriu cópia de livros que introduziram no reino o conhecimento dos escriptores do seculo dos Medicis. De 1521 a 1526 iniciou-se na intensidade do movimento intellectual da Italia. Foi musico distincto e cultor das linguas classicas. O seu exemplar de Homero estava anotado pela propria mão e foi conservado até 1584.

Não se limitou a esses estudos André de Rezende, que correra a Europa e frequentara os eruditos. Quiz reformar o ensino superior, e a sua *Oração da Sapiencia*, de 1534, na universidade de Lisboa, cita á emulação os exemplos da Italia, França, Inglaterra e Allemanha. Ayres Barbosa, amigo deste, foi restaurador dos estudos classicos e, depois de percorrer as mais celebres universidades, projectou a nossa reforma. D. João II, nos primeiros annos, quiz chamar Erasmo a Portugal. Os filhos do chanceller João Teixeira foram discipulos de Policiano. João Rodrigues de Sá, condiscipulo destes, deixou commentarios a Homero, Pindaro e Anacreonte. Os irmãos de D. João III deram-se a estudos classicos, e a infanta D. Maria aprendeu latim. As damas do paço versificavam nessa lingua. Entre os poetas latinos da epoca citam-se os portuguezes Henrique Caiado, elogiado por Erasmo, e o padre Luiz da Cruz, que, do original, verteu para

versos latinos os Psalmos de David, impressos repetidas vezes na Allemanha e Italia.

Antes de ir para a India a iniciar os seus curiosos trabalhos, foi Garcia de Orta professor de philosophia em Lisboa. Para aperfeiçoar os estudos classicos foi chamado o celebre Vicente Fabricio, allemão, e de Paris se transportou á universidade de Coimbra. Quando Clenardo foi visitar a nova universidade, ficou admirado de vel-o leccionar Homero, em grego, de livro aberto, e responderem-lhe os discipulos na mesma lingua, como se fossem naturaes de Athenas.

Os estrangeiros mais illustres, como diz Damião de Góes, eram chamados a Portugal pela curiosidade de ir ver as novas terras descobertas e os novos costumes, e outros sómente para verem as cousas que dessas provincias vinham e escreverem o que ouviam daquelles que de taes navegações tornavam. De todos os Estados eram enviados homens estrangeiros para darem relações aos governos.

O infante D. Luiz introduziu em Portugal a architectura e as fortificações usadas na Italia. No mais, das fortificações que se fizeram nos logares maritimos, diz Fr. Luiz de Souza, que foi elle o instrumento, e em fazer vir homens entendidos neste mister de Italia. Um sobrinho de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, vindo da Italia, foi em 1558 á India, e construiu a grande fortaleza de Moçambique. Já no tempo de D. João II mandara, a pedido deste, Lourenço de Medicis o architecto André Contucci, e esteve no reino de 1485 a 1494, fazendo diversas obras, e para o rei um palacio flanqueado de torres. A pintura italiana tambem se introduzira, depois da flamenga, e João de

Barros, na *Ropica Pneuma*, dá regras didacticas della.

A musica merecera a protecção dos reis, que a cultivavam e viu florescer homens distinctos nella em Portugal. D. Diniz, fundador da universidade de Coimbra, instituiu a aula de musica que nella perdura até hoje, e onde figuram os velhos mestres Matheus de Aranda em 1544, e Balthazar Telles em 1549. A D. Diniz deve-se tambem a definitiva organização da Capella Real no Castello de Lisboa, de onde sahiram os melhores cantores e organistas do reino. D. Affonso V, que intentou fundar uma bibliotheca no palacio de Evora, deu se á musica e teve por mestre Tristão da Silva. Para execução das *Horas Canonicas*, mandou vir regulamentos e exemplares de outros paizes. D. João II enriqueceu a capella com varias rendas e doutou-a com regalias obtidas de Xisto IV (*). D. Manoel seguiu os passos de seu cunhado, engrandecendo-a com outros privilegios, e transferindo-a para o magnifico palacio da Ribeira, que mandara construir no Terreiro do Paço, collocando a capella sob a invocação de S. Thomé, Apostolo das Indias. E' curioso o que diz Damião de Góes do gosto musical do grande rei :

« Foi musico de vontade, tanto que o mais das vezes que estava em despacho, e sempre pela sésta, e depois que se lançava na cama era com ter musica, e assi para esta musica da camara, como para sua capella tinha extremados cantores e tangedores que lhe vinham de todas as partes da Europa, a que fazia grandes partidos, e dava ordenados com que se mantinham honra-

(*) Joaquim de Vasconcellos.

damente, e além disto lhes fazia outras mercês pelo que tinha uma das melhores capellas de quantos reis e príncipes então viviam. Todolos domingos e dias santos jantava e ceava com musica de charamelles, saqueboxas, cornetas, harpas, tamboris, e rebecas, e nas festas principaes, com atabales e trombetas que todas em quanto comia, tangiam cada um per seu gyro. Além destas havia musicos mouriscos que cantavam e tangiam alaúdes e pandeiros, ao som dos quaes e assi das charamellas, harpas, rebecas e tamboris, dançavam os moços fidalgos durante o jantar e cêa. »

Que contraste com a cõrte e os jantares de D. Sebastião, que vamos ver em breve, no seu fanatico exclusivismo. E' que por entre os dous passara um astro funesto. A sombra de Ignacio de Loyola e a sua doutrina do *homem cadaver*.

Por falta de espaço deixaremos de fazer menção de varios musicos illustres que, nos reinados da casa de Aviz, como mestre Alvaro, Alexandre de Aguiar, a familia Carreiras, e outros propagaram o gosto desta sublime arte. E' digno de menção especial o mesmo hellenista Ayres Barbosa, por ter escripto a *Epometria, ou tratado da geração dos sons*. O infante D. Luiz, filho de D. Manoel, e que viveu de 1505 a 1555, professou a musica com muita pericia, tanto vocal como instrumental, e ajudando o seu conhecimento de contraponto com o acurado saber em mathematicas, produziu composições muito applaudidas. Pedro Nunes, uma das glorias do seculo, confirma o asserto em uma epistola latina a D. João III.

Gil Vicente, de origem nobre, frequentou as cõrtes de D. João II, D. Manoel e D. João III, e abrilhan-

tou os serões, em que a põesia, a arte dramatica e a musica, se combinavam para educar a brilhante pleyade de fidalgos que foram regedores das vastas conquistas. Além de, nos autos, ter levado a arte dramatica acima do commum de seus contemporaneos, era excellente musico, e consta que escreveu composições no estylo sacro, que mereceram applausos. As suas peças são semelhantes ás modernas zarzuelas, (*) e era elle que compunha as arias, vilhancetes e enseladas que se cantavam no fim dos autos. Conhecia a musica franceza e italiana que empregava nas obras dramaticas. Era actor distincto, assim como a sua filha Paula. As suas peças denotam combinações choreographicas, que nos finaes acompanhavam os cantares. Além das melopéas e tonadilhas, nos autos, ha combinações de quatro vozes, com acompanhamento de orgão ou orchestra.

Foi um dos espiritos mais atilados do tempo, e comprehendeu o alcance das tramoias religiosas e do fanatismo inconsciente do povo, que a final levaram os reis a destruir a prosperidade economica e intellectual. Perscrutiou a reforma e lançou amargas satyras ao poder pontificio e excessos da curia romana. Sua filha Paula Vicente collaborava com elle nos autos, e dizem que deixou um *Livro de comedias*, que se perdeu. Era sabedora de inglez; deixou d'elle uma grammatica. Era moça da camara da infanta D. Maria, a que tinha uma cõrte de eruditas. No livro da casa da rainha D. Catharina, figura como tangedora.

As artes do desenho mereceram especial attenção da epoca. Francisco de Hollanda foi um dos seus mais

(*) Joaquim de Vasconcellos.

celebres cultores e propagandista dos melhoramentos obtidos pela arte italiana. Protegido de D. Manoel, muito moço se occupou em Evora em fazer illustrações a claro escuro no breviario do rei. Curioso de todos os objectos de arte, com a coadjuvação de seu protector foi a Roma, muito recommendado, e ali teve trato com Miguel Angelo e as celebridades do tempo. Das excursões que fez e das suas praticas com Buonarotti deixou memorias, que hoje valem mais no estrangeiro, do que entre nós, pelo seu alto merecimento historico. Correndo os monumentos, trasladou cópia dos principaes para um album de 54 folhas, com 114 desenhos, alguns coloridos, á penna e a lapis, que é hoje uma preciosidade da bibliotheca do Escorial. Foi percorrer a Italia, França e Hespanha, e deteve-se em Granada e Sevilha. Era tambem espirito superior a seu tempo, e depois de executar valiosos trabalhos no reino, de que é exemplo o *Santo Agostinho*, do palacio de Penamacor, veiu a morrer pobre e obscuramente em uma humilde casa campestre, perto de Lisboa.

Acerca da pintura nessa epoca, devemos ouvir o que diz o illustre Rackzynski :

« Os paineis do Grão Vasco não pertencem, como eu suppunha, á influencia italiana, porém sim muito decididamente á de Alberto Durer, e vê-se que esta continuou a inspirar os artistas portuguezes ao lado de Gaspar Dias e dos Campellos, que tinham importado para o seu paiz o estylo e tendencias italianas da epoca classica. Direi mesmo que a influencia de Flandres e da Allemanha produziu melhores resultados que a da pintura classica de Italia. Grão Vasco occupa realmente entre os pintores de estylo gothico um dos primeiros

logares, e a sua natureza artistica era uma das mais elevadas daquella epoca. Portugal, no reinado dos cinco ultimos reis da gloriosa dynastia de Aviz, não possuiu unicamente seu Grão Vasco, mas contou muitos artistas. As artes floresciam e brilhavam. Muitos objectos attestam que o amor do bello e do gosto das artes, em diversas epocas, foi vulgar em Portugal. As opiniões sobre o merito relativo destas preciosas lembranças não estão fixas. O livro de orações do conde de Mesquitella, as vidraças da casa do capitulo na Batalha, e uma quantidade consideravel de vasos de ouro e de prata, são objectos de arte tão preciosos que em nenhuma parte ha mais bellos. »

Cita depois a nave e os tumulos do mosteiro de Alcobça; as capellas imperfeitas, a casa do capitulo e os vidros illuminados da Batalha; os bancos do côro, os quadros de Gaspar Dias e o claustro dos Jeronymos de Belém; a pia de agua benta, o pulpito; e as pinturas em miniatura de Santa Cruz de Coimbra; os missaes e livros de orações da bibliotheca de Evora; um quadro de Holbein da Misericordia do Porto; a portada gothica magnifica e as esculpturas inexcediveis em madeira da igreja de S. Francisco do Porto; e enfim a fachada exterior e a janella da sala do capitulo desse museu de architectura, que se chama o convento de Christo em Thomar. E' o gothico florido, transição da arte normanda e da arabe para a do Renascimento, que recebeu um cunho especial do espirito aventureiro de Portugal, e que se exemplifica (*) nesses milhares de igrejas e monumentos publicos, nessas mol-

(*) Rackzynski.

duras de portas e janellas, nesses ornato, de todos os generos, que, no tempo de D. Manoel e D. João III, inundaram todo Portugal, e dos quaes ainda se encontram restos a cada passo.

Edgar Quinet, o magnifico prosador francez, verdadeiro amigo nosso, faz uma excursão á Hespanha e chegando a Lisboa, vai procurar recordações da grande epoca no mosteiro de Belém. Ouçamos a sua descripção eloquente :

« No sitio do Tejo, em que Vasco da Gama embarcou para procurar o continente das Indias, nesta *praia das lagrimas*, como lhe chamou João de Barros, que viu tantas sensações de receio, esperanza e dor, tantas partidas, abraços e adeusas, que se julgavam eternos, e regressos triumphantes, o rei D. Manoel mandou erigir um templo. Sua architectura é gothica; mas o caracteristico do genio é ter ali misturado todos os caracteres da vida do mar; cabos de pedra que ligam os pilares gothicos uns aos outros, altos mastros de mezena que sustentam as ogivas, os florões, as abobadas, emquanto a vela da humanidade incha, no seculo XVI. debaixo da viração do céu.»

« E' ainda a casa de Deus da idade media, mas apparelhada como um navio sahindo a foz. Se entrardes no interior do claustro, já os fructos e as plantas dos continentes, recentemente revelados, os cocos e os ananazes são colhidos e suspensos nos baixos relevos. O espirito de aventuras, perigos, sciencia e descobrimentos, respira naquellas paredes mais que em nenhuma outras. E' a impressão desse momento inexprimivel de entusiasmo, em que Christovão Colombo, Vasco da Gama, Magalhães e João de Castro, entoam de joelhos

o *Gloria in excelsis* amainando as velas diante das terras desconhecidas. Aqui serêas gothicas nadam em um mar de alabastro; acolá macacos trepadores do Ganges se balanceam em cabos da nave da igreja de S. Pedro. Os periquitos do Brasil esvoaçam em torno da cruz do Golgotha. Lagrimas correm sobre os braços. Ajuntai mappas-mundi de marmore, astrolabios, esquadros unidos aos crucifixos, machados de abordagem, escudos, escadas, maçames, nós de cordas enroladas que amarraram as columnas e os pilares, vós conhecereis na mais pequena miudeza uma igreja maritima. Elephantes de marmore sustentam triumphalmente a urna funebre do rei D. Manoel, que presidiu á descoberta da India.»

Em Coimbra havia o ensino ecclesiastico, e em 1537 mandou D. João III mudar para ali a universidade. Desde 1500 a 1525 as escolas do mosteiro de Santa Cruz foram o centro da principal actividade litteraria. Reformado o mosteiro em 1527, continuou com mais ardor o costume que, desde D. Sancho I, guardava, de dedicar-se ao ensino. De 1527 até 1547, ali permaneceram as escolas menores. Diz a Chronica dos Conegos Regrantes :

« Mandou o padre reformador Fr. Braz de Barros vir mestres da universidade de Paris, por informação de varões doutos que lá tinham estudado. Vieram para mestres de *grammatica*, de *grego* e de *hebraico*, dous doutores pela universidade de Paris, ambos portuguezes e mui versados nas ditas linguas, a saber mestre Pedro Henriques e mestre Gonçalo Alvares, que depois leram nas escolas publicas de Coimbra, como diremos. *Artes*, começou a ler o nosso conego D. Damião, que depois de ter lido tres annos, por ordem do dito refor-

mador, tornou a Paris, a receber o grão de mestre em theologia, para vir ler no mesmo mosteiro. *Canones*, leu o padre D. Dionysio de Moraes, que era bacharel pela universidade de Paris. Começando-se a ler com muito proveito em 1523, correu a fama dos estudos, e muitos fidalgos e nobres do reino mandaram a elle seus filhos. Para estes se fundou o collegio de S. Miguel, dentro do mosteiro de Santa Cruz, e pera estudantes honrados pobres, o collegio de Todos os Santos. Perseveraram estes collegios dentro do mosteiro até 1544. »

O estudo de grammatica latina (*) era feito por uma escripta por D. Maximo de Souza, e mandada imprimir por ordem de D. João III. A grammatica grega era ensinada por D. Heliodoro de Paiva. Parece que foram estes os mestres de Camões. D. Maximo morreu em 1544. D. Heliodoro de Paiva sabia hebraico, grego e latin. Habil calligrapho, illuminava manuscriptos e pintava. Tocava orgão, viola de arco e craviorgão. Compoz um *Vocabulario de Grego e Hebraico*, que dedicou a D. João III, seu collaço, e se imprimiu no mosteiro em 1532. Character nobre, dado ás artes e estudos, negou-se a aceitar dignidades, e preferiu as gloriosas obscuridades do ensino.

Já despontava o fanatismo religioso, mas a cõrte não se submettia ainda aos caprichos do clero e da plebe, e procurava reunir em Coimbra os elementos de solidos estudos. Era prohibido aos estudantes discursar em lingua que não fosse o latin ou o grego. Na mudança dos estudos, em 1537, mandou D. João III

(*) Theophilo Braga.

edificar dous collegios junto ao mosteiro de Santa Cruz, um á direita, outro á esquerda. O primeiro collegio tinha cinco aulas (*) em geraes ladrilhados e mui bem forrados de bordo, com suas cadeiras para os mestres, feitas por grande arte. Neste collegio se liam as lições de theologia especulativa e moral, de sagrada escriptura e canones. O segundo collegio se chamava de S. João Baptista, e tinha cinco aulas e cadeiras, em que se liam leis, medicina e mathematicas. As artes, rhetorica e grammaticas grega e hebraica, liam-se no collegio de Todos os Santos.

Para dar valimento á mudança dos estudos ajuntou o rei mestres como os dous Buchanans, Grunhius, Arnaldo Fabricius e outros, que procuraram implantar os methodos estabelecidos em França e Flandres. Jorge Buchanan era o mais celebre delles. Nascido na Escocia em 1506, viveu mais de um seculo, até 1616. Os primeiros annos correram-lhe tempestuosos. Estudou em Paris, e sendo já notavel latinista, veiu para St. Andrews, onde foi discipulo de João Mair e camarada de João Knox, o temivel reformador. Jacques V o encarregou da educação de seu filho bastardo James Stuart, e de fazer satyras aos frades franciscanos. A primeira teve exito, e o levou a fazer segunda, que tornou-se celebre na Europa. Esquecia-se Buchanan de que os reis são voluveis, e em dura prisão pagou a cega confiança. Escapo pela janella da cadêa, refugiado em Paris e em Bordéos tornou a facilitar com os reis tolerantes, e acceitou o convite de André de Gouvêa, que fo. a seu collega na ultima cidade, e

(*) Theophilo Braga.

veiu com elle para Coimbra. Já então era celebre pelas tragedias latinas de *Jephtes* e *Joannes Baptistes*, e pela traducção de outra do grego. Obtivera promessa de D. João III de não ser incommodado pela sua satyra aos franciscanos. Não contava com os frades, emulos e inimigos. Pouco depois de estar em Coimbra, foi preso em um mosteiro, e obrigado a traduzir da Vulgata, em versos latinos, os Psalmos do rei David. O trabalho foi excellente, mas o sabio, apenas liberto, retirou-se para França.

Vendo el-rei que os sabios não se queriam converter ás doutrinas dos frades, mandou entregar o collegio das Artes aos padres da companhia de Jesus, o que se effectuou em Setembro de 1555.

Segundo Fr. Luiz de Souza, dava o collegio 4,000 cruzados por anno, que hoje têm o decuplo do valor. Eram obrigados os illustres reverendos a ter setenta religiosos em disponibilidade, a saber: « quatro, para os quatro cursos da arte; dez, que têm dez classes de latinidade e rhetorica; um que lê grego, outro hebraico; dous que ensinam a ler e escrever; um perfeito dos estudos; quatro sacerdotes, que se occupam a ouvir de confissão os estudantes, que se confessam pelo menos uma vez cada mez; doze com seu reitor são precisos para officiaes e misteres do collegio, e quatro moços de serviço. Os que faltam para cumprimento das setenta da obrigação, são muitos que estão prestes para substituirem quando adoecem os mestres; outros, que estão para examinadores ou que passam de umas classes para outras; outros, que vão estudando, para delles se fazerem mestres.»

A machina estava montada para impedir que, com os

estudos do Renascimento, não entrasse em Portugal o espirito da Reforma. Gil Vicente, Sá de Miranda, Damião de Góes, Antonio Pereira Marramaque, e o proprio João de Barros, haviam disfarçado mal as suas sympathias por Erasmo e Luthero, e elles eram apenas os representantes do velho espirito livre dos celtas e mozarabes. Em Roma o cardeal Campege havia dito:

« Não me afflijo tanto com a Allemanha, como com a Italia, onde escriptos de Luthero circulam com uma rapidez assustadora.» O sobresalto era justificavel em Portugal. A elle respondia a voz lugubre de Ignacio de Loyola: « Ainda que o papa pizasse aos pés el-rei de Portugal não chegaria a desobedecer ao vigario de Christo.» D. João III entendia bem o povo que o cercava, e pouco se lhe dava das aspirações das classes destituidas do mando. Em roda delle os infantes D. Luiz e D. Duarte o animavam nas idéas de intolerancia. Apaixonou-se a ponto de escrever « que se o cargo de inquisidor-mór fora de principe secular, com muito go-to nelle se empregaria. »

A tempestade rugia forte contra os judeus, que eram, pelo seu monothcismo, os naturaes amigos das novas doutrinas. Para o clero perseguidor, protestantes e judaisantes se confundiam; e para o povo, feiticeiros maleficos e judeus ricos e desapielados eram dignos de igual perseguição. As instancias para a côrte de Roma repetia n-se, e embora contrariadas pelas peitas dos christãos novos, afinal prevaleceram. Em 1536 obteve D. João III para o reino o desejado tribunal, e começaram as perseguições, que expelliram os judeus, sua sciencia, actividade e riquezas para Inglaterra, Hollanda e Allemanha.

O primeiro auto de fé foi em 1540. Sahiu do paço do Rocio e foi para a praça da Ribeira, onde se consummou o acto. Assis.iu D. João III de um lado, em a tribuna da esquerda. Na da direita o cardeal infante inquisidor-mór, cercado dos lugubres companheiros, os inquisidores. O irmão cardeal apresentou a D. João III os Evangelhos, e este sobre elles jurou defender a fé. Os condemnados á morte foram cinco. Tres mulheres por bruxas, e dous christãos novos, um por judaisar e o outro por feiticeiro. Este, denominado o medico de S. Cypriano, por ter sido o diabo que o ensinara a curar com sortilegios, era um pobre louco, a quem tinham feito acreditar nas mais extravagantes visões.

Os indices expurgatorios deviam apparecer em breve. Por elles se abafaria o livre espirito do povo, e mesmo a velha litteratura de romances, livros de cavallaria, trovas e cancioneiros, que estavam eivados da liberdade de fallar e pensar, tão particular aos mosarabes e godos dos tempos anteriores.

Os jesuitas em 1542 fundam o collegio de Coimbra, logo depois o de Sanfins; no mesmo anno aportavam á India, e tomavam conta do collegio de S. Paulo, e fundavam as quatro provincias da missão universal. Em 1549, o padre Manoel da Nobrega e seis companheiros vinham lançar na Bahia as bases das gloriosas missões do Brasil. Em 1554, o cardeal infante D. Henrique, depois rei, fundou o collegio de Evora; em 1560, abriu-se o do Porto; e em 1580 estavam os seus collegios espalhados pelo reino, Africa, America e Asia, reduzindo a educação ás vãs formulas da metaphysica e ás vulgaridades superficiaes dos estudos classicos. A sciencia experimental, a philosophia ra-

cionalista e as investigações serias foram por tres seculos banidas das possessões portuguezas.

Entretanto, o reino conservou ainda por muito tempo as apparencias da grandeza. Lisboa era a principal cidade da Europa, depois de ter supplantado a decabida Veneza. Contava mais de 100,000 habitantes. O seu movimento litterario e artistico era consideravel. Encerrava cincoenta e quatro livreiros. Podiam sahir nas solemnidades das aldêas para mais de trinta orchestras de musicos e tangedores, sem fazer falta sensivel nas festas. Havia cento e trinta e uma confrarias, que, além dos gastos de beneficencia, protegiam as ostentações esplendidas do culto e o emprego faustoso das artes. Parece que a paixão pela esgrima era grande, pois havia quatro escolas publicas dessa nobre arte. Tambem não faltavam os dansarinos, pois alimentavam quatorze aulas de ensino choreographico. De canto havia setenta mestres, seis que faziam manicordios e cinco fabricantes de orgãos. O gosto pela musica desenvolveu-se rapidamente, dando-se o mesmo phenomeno que houve depois no seculo XVIII na Italia. Após o grande movimento litterario e das artes plasticas, appareceu a veia musical. De 1580 a 1650, foi espantoso o numero de musicos celebres, de que são exemplos a escola de Duarte Lobo, e a bem entendida protecção que D. João IV deu á arte querida do povo, formando a primeira bibliotheca musical da Europa.

As ruas eram ladrilhadas, mas com fórmula concava, em vez de convexa como hoje. Duas vezes por semana os almotacés da limpeza as faziam limpar pelos carrêtes das immundicies. As praias eram mais do que

sujas; nellas se faziam os despejos e as pessoas asseiadadas fugiam das cercanias. Theatros publicos não os havia fixos. Adros, interior de cercas, pateos ou casas particulares; cumpria em Lisboa, á Mesa de Consciencia e Ordens designar de antemão o dia e o sitio. A tragi-comedia ou auto eram revistos por um desembargador do paço, a quem competia a prévia licença. Não havia tambem grande gosto pelos banquetes e comidas escolhidas, e além das criticas de Venturino, Tron, Lippomani e Conestaggio, ha confissão indirecta do velho Sá de Miranda:

Os bons convites antigos
antes de tudo se alçar,
eram para conversar
os parentes e os amigos
e não para se arreentar.

Parece que se temiam muito as indigestões. A vida concentrava-se no Rocio e na Rua Nova dos Ferros. A Praça do Rocio (*) teria de comprido quinhentos passos e duzentos e cincoenta de largo. Na frente do norte ficavam os paços dos Estãos, onde se fora acoutar a Santa Inquisição; era casa feia e alta com duas torres massiças. Do mesmo lado as casas do conde de Barcellos, anteriores aos paços. Do nascente, os dormitorios de S. Domingos. occupando um terço do espaço; e o magnifico hospital de Todos os Santos, fundado por D. João II, a 15 de Maio de 1492, nas antigas hortas de S. Domingos. Ao sul e oeste varias casarias, que os contemporaneos chamam grandes e nobres.

(*) Julio de Castilho, *Lisboa antiga*.

Por baixo do edificio do hospital corriam trinta e cinco arcos de forte pedraria: entre elles e a parede interior uma especie de portico de trinta pés de largura, onde os passeantes se abrigavam da chuva, e logar de estada dos physicos de mais nome. Nesta arcaria havia muitos mercadores com armarios e balcões fechados, de que pagavam renda ao hospital, e onde vendiam ao povo toda a sorte de pannos de linho, fazendas, tranças, além de calçado e estopa. Na escadaria da igreja central tinham pouso certo os cegos distribuidores e prégoeiros ambulantes de papeis e novidades.

Ao fundo da praça, ao norte, erguia-se um vistoso chafariz, com quatro bicas a correr. O chafariz tinha uma estatua de Neptuno. No meio da praça havia feira todas as semanas. A ella vinha gado, e era uso das pessoas ricas o comprarem rezes vivas, para matarem em casa, o que tolhia aos pobres o uso da carne. Açougues, só a camara os creou em 1618. Na feira concorriam muitos forasteiros e escravos turcos, chins, chingalezes, abexins, cafres, maracatas e pretos de Guiné. Naturalmente a praça ficava muito suja e cheia de detritos, e além disso era esburacada e semeada de calhãos. Entretanto nella vinham os casquilhos da côrte fazer as suas correrias e picarias de potros. Os terços vinham ali exercitar-se, e a inquisição costumava accender naquelles espaços as lugubres fogueiras.

Na Rua Nova tinha a cidade uma arteria que era ao mesmo tempo o coração da vida brilhante. Por ella seguiam todos os prestitos e procissões; nella se pavoneavam os casquilhos, á porta dos bazares dos homens de negocio, (*) naturaes ou estrangeiros. Con-

(*) Oliveira Martins.

tava cerca de vinte lojas de pannos, trinta de sedas e outras fazendas, treze de mercearia e especiarias, nove boticas, onze livreiros, e mais de cincoenta serigueiros e ourives. Calculava-se que os livreiros vendiam para cima de vinte mil cruzados, por anno, e o valor do papel recebido de França, Veneza, e outros logares, não importava em menos. Todos os generos da Europa e os productos do reino, o vinho, azeite, os pannos, vinham a Lisboa, afim de embarcarem para o Oriente. As especiarias descarregavam nos vastos armazens da borda do rio, de onde eram baldeadas nos navios de todas as nações da Europa.

O fausto dos peões fidalgos, chegados das conquistas, é bem traçado por um illustre investigador de nosso tempo :

« O pobre mordia-se de inveja, diante do luxo insultante do que tornava da India rico, e se passeava na Rua Nova com um estado oriental. Precediam-nos dous lacaios, e seguiam-no, um terceiro com o chapéo de plumas e fivelas de brilhantes, um quarto com o capote; e em roda da mula, preciosa de jaezes e luzidia, um quinto segurando a redea, um sexto ia ao estribo amparando o sapato de setim, um setimo levava a escova para afastar as moscas e varrer o pó, e um oitavo a toalha de panno de linho para limpar o suor da besta, á porta da igreja, em quanto o amo ouvia missa. Eram todos oito escravos pretos, vestidos de fardas de cores, agaloadas de prata e ouro.»

Entretanto os *Indices Expurgatorios* iam ameaçando os livros e atacando esta superabundancia de gostos intellectuaes. Damião de Góes viu-se condemnado em suas obras, publicadas no estrangeiro. Reclamou em vão ao

cardeal infante D. Henrique, que lhe respondeu com polidez, mas com evasivas. Veiu para Portugal, onde o nomearam guarda-mór da Torre do Tombo e chronista do reino, mas sua segurança foi em breves annos abalada. Alguns ditos innocentes o perderam. O primeiro *Index* appareceu em 1564, e devia tel-o advertido, pois prohibia todas as peças das litteraturas, nacional e estrangeira, em que havia alguma liberdade de palavras ou de idéas. Em 1565, andava ajuntando dados para a *Chronica de D. Manoel*. Querendo fallar do infante D. Duarte, pai daquelle de quem Pedro de Andrade Caminha, poeta palaciano, era camareiro, dirigiu-se a este, que estava nos paços da Ribeira, para que obtivesse da viuva infanta D. Isabel, as informações precisas. D. Isabel havia já mandado a Damião de Góes as informações milagreiras e as aneddotas cheias de puerilidades que André de Rezende aproveitou na *Vida do Infante D. Duarte*. Caminha disse ao sabio chronista que a infanta D. Isabel lhe havia mandado já os apontamento pedidos; e Damião de Góes sorriu-se, dizendo-lhe: « que não havia homem que na morte não dissesse alguma parvoice.»

Caminha guardou na consciencia jesuitica o duro osso, e logo que a inquisição se apoderou de Damião de Góes, a titulo de pactuar com os hereges reformadores, apresentou-se o santo varão e rico pensionista da corte, ao Santo Officio delatando officiosamente o dito do infeliz amigo. O documento comprobativo é historico: consta do auto de interrogatorio de Caminha, datado de 22 de Abril de 1571, em Lisboa, nos Estãos da casa de despacho da Santa Inquisição. Damião de Góes sabio polyglotta, musico profundo, diplomata, histo-

riador, e amigo de Erasmo, foi, mediante estas futilidades, condemnado a degredo para o convento da Batalha, onde falleceu, ou foi assassinado em 1573.

As classes illustradas ficaram aterradas, e começou a lavrar pelo povo essa tristeza, esse odio aos sabedores, essa cubiça exclusiva, que explicam os versos melancolicos de Camões:

Não mais, Musa, não mais, que a lyra tenho
Destemperada, e a voz enrouquecida ;
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda e endurecida.
O favor com que mais se accende o engenho
Não o dá a patria, não ; que está mettida
No gosto da cubiça, e na rudeza
De uma austera, apagada e vil tristeza.

Depois da viagem do barão de Rozmital haviam decorrido cem annos. O paiz estava transformado. O cesarismo matara as côrtes populares e os feudos locaes, unificara as crenças, e semeara a cultura de espirito e a convivencia pelo paiz, relacionando-o com o resto do mundo. Em compensação legava-lhe a intolerancia religiosa, os jesuitas e a tristeza. Convém ouvir um outro secretario, mas este italiano, que acompanhou a Lisboa em 1571, o legado do papa Pio V.

No Barreiro embarcaram para Lisboa, descendo o Tejo, com grande acompanhamento de galés e barcas empavezadas. Calcula que mais de 50,000 pessoas os receberam na praia da capital. Foi mister fazer uma ponte de madeira, para o sequito desembarcar, e o cardeal infante veio receber o legado :

« Veiu então encontrar-se com o legado, D. Sebastião,

rei de Portugal, mancebo de vinte e oito annos, de boa cor, e muito parecido com D. Joanna, princeza de Portugal, sua mãe e irmã de el-rei catholico. E' de estatura mediocre, de olhar e sobreceño algum tanto carregado e altivo. Trazia uma capa de panno preto, e o capuz com botões de diamantes, rubis e perolas, saio com abotoaduras tambem de diamante; e as faldas até os joelhos, calças vermelhas com poucos tufos e quasi lisas, barrete chato de velludo carregado para a testa quasi até o sobr'olho, e adornado com um cordão de ouro, diamantes e perolas; trazia botas largas nas pernas, de cordovão preto, que lhe subiam até aos joelhos. A espada, cinto, estribos e esporas eram dourados, e a sella do cavallo, de velludo preto recamado de ouro e perolas; na cabeça trazia o cavallo pendentes de pedras preciosas e ouro.

« Adiante de el-rei dous escravos pretos conduziam dous ginetes, um claro, outro baio claro, com xaireis de brocado de ouro e jaezes de ouro. Ao redor vinham cincoenta alabardeiros vestidos de panno preto, com capas compridas até meia perna, saios com faldas até os joelhos e botas largas de cordovão preto. El-rei parou á direita do legado e descobrindo a cabeça ao mesmo tempo que este, fez uma leve inclinação, tornando immediatamente a pôr o barrete. »

Descreve assim o transitio pelas ruas :

« Caminhámos obra de uma boa milha por bellas ruas, direitas e largas, principalmente a que chamam Rua Nova, a qual é bellissima e povoada de edificios nobres, até que chegámos ao paço real, situado no ponto mais alto da cidade, que de ali se descobre quasi toda, fazendo uma vista soberba o braço de mar que a cerca,

cheio de grande multidão de navios. Por todas estas ruas era tão vasto o povo que devia haver ahi mais de 150,000 pessoas. Estavam as ruas adornadas todas de finos pannos de Flandres e de outras qualidades, não havendo columna ou parede que delles não estivesse coberta. »

Parece que de iguarias não ficaram tão satisfeitos, o que já antes notara Clenardo, e mais tarde será motivo de reparos de Tron e Lippomani:

« As mesas não eram tão bem ordenadas, lautas e abundantes como em Madrid, porque os portuguezes não têm o habito de banquetear-se. Conhecia-se nelles a boa vontade com que davam tudo, e que eram abastados de baixellas de ouro e prata, e servidos por muitos criados, mas as comidas eram mais grosseiras, que delicadas; os vinhos fortes; as fructas pouco singulares. Quanto ao pão e carne eram optimos. »

A etiqueta de D. Sebastião com o legado não é das mais submissas, e o despeito dá logar a uma pintura bem accentuada do jantar do rei perante a cõrte:

« Ao mesmo tempo jantava el-rei em publico, e só á mesa, na sua sala principal debaixo de docel, em estrado levantado, e assentado em cadeira de brocado de ouro. Quatro padres jesuitas benzeram a mesa e depois deram graças. O serviço era de ouro, dez os criados que serviam, não mais. As comidas poucas, mal temperadas e grosseiras. Sobre a mesa estava sempre um grande vaso de prata, cheio de agua, do qual se deitava em um jarro, chamado em lingua portugueza *pucaro*, do feitio de uma urna antiga, da altura de um palmo, e feito de certo barro vermelho, subtilissimo e luzidio, que chamam barro de Estremoz, pelo qual el-rei bebeu seis vezes. Ahi estava sempre

uma salva cheia de guardanapos, que se renovavam cada vez que el-rei bebia ou mudava de prato. Comia depressa e com a cabeça baixa, com pouca delicadeza. Um pagem posto atraz da cadeira lhe tinha entretanto a espada. Dêz estavam de joelhos. Apesar de lhe assistirem muitos fidalgos, nunca disse palavra, nem olhou para nenhum. Levantando-se da mesa, retirou-se para a sua camara, com passos velozes.»

Diversas causas actuavam tambem para a tristeza do povo. Unira-se a peste á perda e falsificação da moeda para arrebatá-lhe os prazeres. Todo o seculo XVI foi notavel pelas pestes. Houve-as em Lisboa em 1506, 1530 e 1569. Em Julho e Agosto desse ultimo anno morriam 700 pessoas por dia, e já não havia onde enterrar os cadavres. Calcula-se que morressem quarenta mil pessoas. Pouco antes os inglezes, vendo o reino fraco e o governo tonto, trataram de introduzir a sua protecção, por meio de moeda falsificada. A Inglaterra enviava-a secretamente, entre barris de farinha e entre pipas de pregos, e outros logares dos navios, em que a escondiam. Era tanto certo isto, que nas cidades da excellente alliada se estava fazendo e batendo nas ruas publicas, e desta maneira encheu Portugal de cobre e levou todo o ouro e prata. A lei de 14 de Abril de 1568 mandou reduzir ao terço o valor das moedas de ouro e prata, e o resultado deste despropósito financeiro foi alarmar os possuidores, afugentar o dinheiro, e reduzir o povo á miseria. Era esta falsificação o principio da campanha exploradora da Inglaterra, que assim se assenhoreou de Portugal, e agora tenta fazer o mesmo ao Brasil, por outros meios.

Emquanto o reino apresentava estes symptomas de

decrepidez, pelos erros dos governantes, e a ausencia de classes directoras, que ousassem guial-o, crescia o imperio colonial, não só no Oriente, como nas costas do Brasil, que se povoavam, e na de Africa, que via transformar as feitorias em estabelecimentos definitivos. Embora a historia falsificada em nossos dias negue o facto, é fóra de duvida. á vista dos documentos contemporaneos, que a influencia portugueza nas tres novas partes do mundo. foi em crescimento até o anno de 1600. Não era só a colonisação e commercio que se dilatavam, era tambem a assimilação pelo catholicismo que tomava proporções notaveis.

Logo que o grande Affonso de Albuquerque reconquistou ao Hyde-el-Khan a cidade de Gôa, em 25 de Novembro de 1510, no dia de Santa Catharina, foi esta virgem de Alexandria escolhida pelo vencedor para padroeira da capital da India, e deu-se principio á igreja sob sua invocação. Esta foi a unica até 1542, e veio a transformar se na sumptuosa cathedral da velha Gôa. Nesse tempo eram os frades de S. Francisco os companheiros espirituaes dos primeiros conquistadores, capellães das náos, e pastores dos gremios christãos que se iam formando.

Apparecera a companhia de Jesus, e o olhar de aguia de seus primeiros organisadores viu de longe o grande proveito a tirar do imperio espiritual das Indias. O commissionado foi um grande homem, igual a Albuquerque na magnitude dos projectos e na abnegação, sendo-lhe superior na extrema bondade da alma. Em 1542 aportou a Gôa S. Francisco Xavier, acompanhado de varios padres do novo instituto, e logo tomaram conta do seminario de S. José, que fora fundado por dous

clerigos seculares, e que foi transformado em igreja e collegio de S. Paulo, da sua ordem. Foi desse collegio que partiram os expedicionarios da fé para todos os recantos do oceano oriental, que se colligiram os primeiros estudos acerca das linguas e litteraturas da Asia, e que se descobriu o singular engenho de Fernão Mendes Pinto, o primeiro orientalista que revelou á Europa os segredos das velhas civilizações asiaticas, produzindo pasmo inexprimivel e desafiando a incredulidade ignorante que, por muito tempo, o condemnou. De ali vinham todos os annos noticias eruditas acerca das novas descobertas e costumes dos povos evangelizados e espalhavam-se aos milhares pela Europa, tornando o nome portuguez conhecido e invejado pelos maiores sabios.

Depois dos jesuitas appareceram os religiosos de S. Domingos, mas só formaram communitade em 1549. Em 1566 estabeleceram-se na India os reformados de S. Francisco; seguiram-se-lhes os augustinianos, que chegaram a Goa, em numero de doze, no anno de 1572, e logo fundaram convento da ordem dentro da nova cerca da cidade. Mais tarde vieram os carmelitas italianos, emissarios de Roma, sempre infensos ao padroado portuguez, e que deram principio ás dissensões movidas pela curia romana, que deviam arruinar o christianismo no Oriente.

Estes religiosos repartiram entre si as missões (*) da Asia e Africa Oriental do seguinte modo: os franciscanos tomaram para si as de Cochim, Coulaõ, Ceylaõ, costa de Coromandal e Japão; os jesuitas, missão uni-

(*) Francisco Maria Bordallo.

versal, dividiram-se em quatro provincias orientaes : do Norte, do Sul, do Japão, e da China ; os dominicos tinham á sua conta a Africa Oriental, Jafanapatam, Malaca, China, Solor e Timor ; os reformados de S. Francisco encarregaram-se das christandades de Diu, Damão, Chaul, S. Thomé e tambem de parte de Malaca, Moçambique, Cochim, Taná e Ceylão ; os augustinianos, da Persia, Bassorá, Mascate, Ormuz, Baçaim, Bengala, Mombaça, e tomaram parte em muitas outras missões ; os theatinos, de Malabar, Golconda, Bornéo e Sumatra ; os carmelitas, de Cauapur, Quitur e Tamaricapa ; os congregados, de Ceylão ; e os hospitalarios, dos hospitaes de Damão, Diu e Moçambique. Esta simples enumeração dá idéa da vastidão das forças temporaes e espirituaes de Portugal no seculo XVI, e do vasto projecto de assimilação civilisadora. E' o que procuram encobrir os panegyristas da critica allemã.

A India e todas as conquistas estiveram sujeitas ao Priorado de Christo, por bulla de Leão X. Em 1515 (*) o mesmo pontifice a sujeitou ao bispo do Funchal e Arguim. Em 1534, constituiu-se o bispado de Gôa, a que ficavam sujeitos todos os estabelecimentos do cabo de Boa Esperança até aos confins do Oriente, mas ainda dependente. D. Sebastião fez com que Paulo IV, em 14 de Fevereiro de 1557, elevasse Gôa a arcebispado, com dous bispos suffraganeos. As tres dioceses iam da Africa Oriental ás bocas do Ganges, Malaca, Pegú, Java, Sumatra e China. Em 1575, o novo bispado de Macáo teve para si a China e o Japão. Tambem tivemos um patriarcha na Ethiopia, um bispo de Sirene, na Persia,

(*) Francisco Maria Bordallo.

e outros na gentildade. Celebraram-se em Gôa cinco concilios provinciaes e nelles se fizeram 316 decretos relativos á disciplina da igreja.

Este dominio moral foi o resultado da iniciativa tenaz de Vasco da Gama, da politica reflectida de D. Francisco de Almeida, da grande comprehensão dos interesses e raças, e da vastidão de vistas de Affonso de Albuquerque, da energica resistencia de D. João de Castro, e do espirito probo e reformador de Francisco Barreto, varões illustres, que estão superiores aos da Europa, no mesmo seculo, e que só tiveram a infelicidade de não pertencer ás grandes nações dominadoras da actual civilisação.

Um viajante francez da ultima parte do seculo XVI, pinta assim a grandeza de Gôa e do imperio portuguez do Oriente:

« A ilha de Gôa tem de circuito quasi oito leguas e ha nella sete fortalezas que guardam os passos. E' cercada de um rio que vem do reino de Deal-khan, e vai cahir no mar, a duas leguas da cidade, passando pelo pé della. Nesta ilha os portuguezes têm fabricado uma mui bella cidade, que tem legua e meia de circuito, não contando os arrabaldes, e encerra quantidade de fortalezas, igrejas e casas fabricadas á moda da Europa, de muito boa pedra e cobertas de telhas.

« Quanto á multidão de povo é maravilha o grande numero que ahi vai e vem todos os dias por mar e terra, a tratar tola a casta de negocios. Os reis da India, que têm paz e amizade com os portuguezes, quasi todos têm embaixadores ordinarios e muitas vezes extraordinarios, que vão e vem para entreter pazes, e

outro tanto fazem os portuguezes da sua parte. E no que toca aos mercadores que continuamente vão e vêm das partes do Oriente, parece que é todos os dias uma feira de toda a sorte de fazendas que são objecto de mercancia, porque mesmo daquelles reinos e terras que não estão de paz com os portuguezes, não deixam de vir a Gôa as mercadorias e fazendas por meio de outros mercadores amigos que lá vão comprar.

« Quanto aos estrangeiros, ha os actuaes senhores da ilha, que são os portuguezes, os quaes deixam morar nella os antigos habitantes com toda a segurança e franqueza. Os outros estrangeiros são indios que ali moram com permissão dos portuguezes. Christãos velhos, além dos portuguezes, ha muito poucos castelhanos, mas muitos venezianos e outros italianos, que ahi são muito bem accetos. Ha tambem allemães, flamengos, grande numero de armenios e alguns inglezes, mas nada de francezes. Dos povos da India não christãos, que são ahi em grande numero, ha banianes de Cambaya e Surate, e brahmanes. Ouvi muitas vezes dizer aos brahmanes de Calcut, que a ilha de Gôa era delles, de sorte que são grandes inimigos dos portuguezes. De escravos ha em Gôa um numero infinito, e de todas as nações da India, e fazem delles grande trafico. »

A côrte do vice-rei era maior que as dos soberanos da Europa ; trezentos fidalgos o serviam, e os palacios continham riquezas deslumbrantes. O numero de edificios civis e religiosos, igrejas, conventos, fortalezas e arsenaes, era espantoso, e como que fazia uma orla no continente desde Sofala até Malaca, no Indo-China. Param os viajantes modernos absortos diante das rui-

nas que encontram na costa oriental de Africa, Abyssinia, Arabia, littoral do Industão e do Indo-China. Parece uma reproducção das obras romanas no Occidente antigo. Ia, porém, este imperio decahir dentro de meio seculo, e já o padre Manoel Godinho dizia :

« O Estado, ou imperio luzitano-indico, que em outro tempo dominava o Oriente todo, e constava de oito mil leguas de senhorio, de vinte e nove cidades cabeças de provincias, fóra outras de menor conta, e que dava leis a trinta e tres reinos tributarios, pondo em admiração o mundo, com os seus estendidos limites, estupendas victorias, grossos commercios e immensas riquezas; no presente, ou seja por culpas ou por fatalidade, do imperio grande, está reduzido a tão poucas terras e cidades, que se póde duvidar se foi aquelle Estado mais pequeno no principio do que se vê no fim. »

Esta duvida de ha dous seculos, é que infelizmente passou quasi hoje á convicção. Nem os proprios vestigios estão na raça e na direcção do Estado. Este culto da grandeza da patria acompanhou Camões até á obscura casa da rua de Sant'Anna, em que enfermou e em que se viu a sós com sua mãe. Não são só as ingratições dos contemporaneos, de Caminha, Bernardes, Ferreira, Perestrello, que o acabrunharam; em vão as mediocridades fizeram calculado silencio, e mostraram desdenhoso sorriso ao neologista, ao orgulhoso, ao scismador; a estes remoques respondiam Tasso, Herrera, Cervantes, Ariosto, tendo-o elles, os primazes intellectuaes do seculo, como o maior de todos, e antecipando o juizo de Lope de Vega, 'Shakespeare, Byron e Humboldt; ás desditas proprias, unia-se a gangrena que ia lavrando pelo corpo social, e que o vate odiava,

como precursora da morte. Era o sentimento que dictava os versos :

Vão os annos descendo, e já do estio
Ha pouco que passar até o outomno ;
A fortuna me faz o engenho frio,
Do qual já me não jacto, nem me abono.
Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento, e eterno somno.

Por um momento o poeta pensou que os tempos heroicos iam renascer. Um rei moço, honesto, de espiritos levantados e alma mysteriosa, como a dos reformadores das nações, ia tentar o impossivel, ia retemperar aquelles egoistas e casquilhos da nova geração nas lutas contra o islamismo. Seria possivel obter de Africa o que a má distribuição da Hespanha negara a Portugal? Seria possivel que o Algarve de além mar compensasse a Callecia perdida e esterilizada nas mãos dos hespanhóes do sul? A corôa estava prompta, as promessas eram magnificas, o pendão de guerra ia desfaldar-se. Camões retomou a penna e traçou o plano do novo poema da conquista de Africa.

Era a 14 de Junho de 1578, a fidalguia, as tropas, os burguezes e forasteiros estavam reunidos em torno da Sé de Lisboa. O velho soldado de Africa e da India, lá foi, cingindo as armas experimentadas e com o largo chapéo carregado sobre a cicatriz da frente. Viu benzer-se o estandarte real, e voltando, escreveu aquelle soneto, que principia como um canto da mocidade :

O' gloriosa cruz, ó victorioso
Trophéo de despojos rodeado!...

Infelizmente o rei não era um heróe reflectido e

estadista ; não passava de uma criança indomita e mal dirigida. A 4 de Agosto foi derrotado em Alcacerkibir, e desapareceu, morto ou extraviado. A 28 desse mez tomou conta do governo o inquisidor-mór, transformado aos 66 annos em rei cachetico, vacillante e dominado pelos agentes de Phelippe II. Esta mesma sombra de rei morre a 31 de Janeiro de 1580, e immediatamente o duque de Alba parte a tomar conta do reino anarchisado, enquanto o prior do Crato é aclamado em Santarém, e entra em Lisboa entregue á plebe, aos frades, e á escravaria armada. E' ali que se refugiou o patriotismo, senão nos peitos dos que padecem e morrem. Deste numero é Camões. Foram dous annos de transes e agonias lentas. Restava-lhe ainda entre alguns amigos, um de grande estirpe, D. Francisco de Almeida, então capitão-general de Lamego, e foi a elle que escreveu estas memoraveis palavras :

« Emfim acabarei a vida, e verão todos que fui tão afeiçãoado á minha patria, que não só me contentei de morrer nella, mas com ella. »

Effectivamente, em uma casa da rua de Sant'Anna, junto ao arco do mesmo nome, e pegado com a ermida do Senhor Jesus de Salvação e Paz, morria a 10 de Junho de 1580, o maior dos homens grandes do seculo XVI.

Terão razão os que condemnam o espirito que dirigiu Portugal de 1415 até 1580 ? Pagará a vasta idéa de D. Henrique, de D. João II, de D. Manoel, de Affonso de Albuquerque e Camões, os erros e fraquezas de outras inspirações? Entretanto, queiram ou não, a vitalidade nacional está presa a essa idéa. Não é impossivel que Portugal possa influir pela annexação de parte da peninsula iberica em uma reconstituição futura da

Europa, mas nem lhe é possível ter desenvolvimento economico nos actuaes limites, nem tem direito á autonomia sem o imperio colonial. Parece-nos que ambas estas leis politicas de sua existencia, provam que os estadistas do XVI seculo e Camões, foram os legitimos creadores da nacionalidade.

PARTE II

O BRASIL EM 1880

Primogenitura intellectual e social do paiz.— A raça mestiça e indiana constitue a nação.— A educação theocratica e a independencia moral.— Origens confusas do Brasil de 1500 a 1530.— Erros dos historiadores actuaes.— Martim Affonso de Souza.— A carta organisadora de D. João III.— Elementos da população brasileira.— O Brasil em 1792, 1816 e 1872.— Importação de africanos durante um seculo.— Extincção da população escrava.— O termo fatal.— Comparação entre o sul e o norte do imperio.— Os caminhos de ferro em ambas as regiões.— Matto Grosso um imperio e um deserto.— Parte activa e parte inactiva do paiz.— O café, chave das finanças.— A renda tributaria e a producção.— Educação industrial e transformação servil.— O tributo á Inglaterra.— Estatistica geral da producção.

Esta segunda parte é a conclusão e o epilogo da anterior. O Brasil é o herdeiro directo de Portugal do XVI seculo, herdeiro que provou os seus titulos de primogenitura na reivindicacção do solo patrio na guerra com os Estados Geraes da Hollanda, nas viagens por terra á descoberta do continente americano, e ultimamente na actividade febril com que entrou no caminho dos melhoramentos economicos. E' preciso, porém, não tirar de ante os olhos o quadro da decadencia do imperio portuguez. Herdeiro da vitalidade e da energia moral não devemos occultar que teve os mesmos elementos de organização social e esteve muitos annos sob os

mesmos influxos intellectuaes. A escravidão que maculava em 1466 as origens do reino de Affonso V, e que entrou em larga parte na constituição do povo, deu tambem cunho peculiar e mixto aos elementos elaboradores da sociedade brasileira, embora o clima e as culturas tolhessem o maximo desenvolvimento desse contingente. Para quem estudou com critica despreocupada as origens da historia e os vestigios anthropologicos das provincias do norte e centro, fica a convicção de que grande parte da população é de origem indiana, embora mesclada. A raça pura européa e a atravessada com a africana são contingentes importantes, que deram bons resultados para as classes directoras e para as artes, mas não são a grande base da nacionalidade.

Por outro lado é inutil negar que a influencia intellectual dominante é européa, latina, e na maxima parte theocratica. Emquanto as tradições foram vivas, ardentés, saturadas do bom principio do catholicismo liberal, de que Portugal e Brasil tiveram exemplarissimos varões, as vantagens eram superiores aos inconvenientes. Actualmente é força confessar que as doutrinas romanistas ficaram em pé, em theoria, com as mais exageradas idéas de cesarismo pontifical, ao passo que as instituições religiosas e uteis estão derrocadas e as crenças apagadas no seio da população. E' este o peor de todos os estados intellectuaes. As escolas moraes de imitação são estereis e não cream uma nacionalidade vigorosa. Tirai ao Portugal do seculo XVI o seu cunho semita, enthusiasta, evangelizador da religião, e a epopéa do seculo de Camões, é impossivel. Estas apparencias de exclusivismo religioso, sem crenças intimas, são um

perigo. Impedem a independencia intellectual de formar-se, impedem o apparecimento de um Channing e de um Emerson, ao passo que são improductivas para a formação artistica, moral e economica. O exemplo do seculo XVI deve servir de lição. A inactividade do povo portuguez, acostumado a desprezar o trabalho e amparar-se na escravidão, o dominio valetudinario dos preconceitos religiosos, sem a fé intima e esclarecida, fizeram desaparecer as *fumaças da India*, creadas pelo commercio das especiarias. que era então o trafico mais avultado e comparavel actualmente ao do café. Quando cessou este monopolio e este uso economico, a nação viu-se a braços com a triste realidade e desacostumada das varias disciplinas de trabalho que creara o lucido pensamento directivo de D. Diniz.

Conviria estudar as origens da historia do Brasil, mas estas andam narradas tão confusamente, que é antes trabalho para se fazer do que para se aproveitar. As averiguações historicas em vez de se aperfeiçoarem, declinaram nos ultimos annos pela participação de escriptores estrangeiros intelligentes e bem intencionados, mas desprovidos dos trabalhos preparatorios que dão á philosophia da historia a sua mais solida base. De 1500 a 1530 a historia das descobertas do paiz é inteiramente confusa. A posse foi disputada entre portuguezes, hespanhóes e francezes, não prevalecendo nação nenhuma no dominio. E' pena que a historia destas origens esteja tão içada de fabulas e inexactidões. Conviria tentar o trabalho, que, em dez volumes, Braucoft realizou acerca da America do Norte, colligindo todos os dados, ainda aproveitaveis acerca dos aborigenes. Pintam o Brasil como povoado exclusivamente

por tribus selvagens o que é inteiramente inexacto. Apesar da infidelidade dos documentos primitivos, subsistem provas de que no Amazonas, Pernambuco, rio da Parahyba do Sul e S. Paulo, talvez existissem nações rudimentaes, com hierarchia politica, tendo algumas conhecimento da civilisação transandina. As florestas eram de recente origem, e absorveram os vestigios do passado adiantamento, da invasão das tribus barbaras, e do Brasil pre-historico, mas não puderam destruir os vestigios na lingua e nas tradições da raça tupy. E' á anthropologia, á mythica e á linguistica, a quem compete levantar o véo, em quanto é tempo.

A côrte de Lisboa tinha conhecimento anterior das terras do sul da America, pelos mappas que possuia, e por indicações maritimas, que obtivera nas explorações confusas intentadas. A passagem de Cabral pelo Brasil foi intencional. Vicente Yanes Pinzon, em Fevereiro de 1500, não descobriu o cabo de Santo Agostinho, mas sim o cabo do Norte, e ao proprio rio Amazonas deu o nome de *Mar Doce*, não compreheundo o valor da descoberta. Não é Vespucio que reconheceu a costa de 1501 a 1502, e de 1503 a 1504. A primeira expedição era dirigida por Gonçalo Coelho, que D.^o Manoel mandara ao reconhecimento do Brasil, e Vespucio era apenas cosmographo. Encontraram-se em Goréa com a armada de Cabral, que voltava da India. E' aquella expedição que descobriu o cabo de Santo Agostinho, a 16 de Agosto de 1501, e lhe poz o nome. Não foi só até ao cabo de S. Roque, pois descobriu o rio de S. Francisco a 4 de Outubro e o Rio de Janeiro a que deram este nome, por ser no 1.^o de Janeiro de 1502,

e por pensarem que era a boca de um rio ; tambem descobriu a ilha de Angra, a quem poz nome dos Reis Magos, e é esse o motivo porque ainda hoje se chama Angra dos Reis. Tambem lhe pertence a honra da descoberta da ilha de S. Sebastião e de S. Vicente, onde deixou o celebre bacharel João Ramalho, e foi parar perto da Terra do Fogo, em 52 grãos de latitude, o que é bem distante do cabo de S. Roque.

Em 1503, ia de capitão-mór na armada de Vespucio, não Gonçalo Coelho, mas Christovão Jacques, navegador bem conhecido, e até pela sua indole ardente e ao mesmo tempo audaz e indomita. Não só descobriu a Bahia em dia de Todos os Santos, ao 1º de Novembro, como foi, em 1504, até ao cabo das Virgens, no estreito de Magalhães, e deixou padrão das armas portuguezes em diversos pontos da costa do Brasil e do Rio da Prata. Conhecem-se os da Bahia, Cananéa, Maldonado e angra de S. Mathias. E' por este tempo, em 1503, que pisou a terra do Brasil o maior vulto heroico do seculo, Affonso de Albuquerque, o fundador do imperio portuguez e destruidor do dominio mahometano no Oriente.

A primeira povoação fundada no Brasil, o foi por este mesmo Christovão Jacques a 4 de Janeiro de 1504, em Porto Seguro, povoação que prosperou e se adiantou pelos proximos annos. A exploração do Brasil e divulgação das transplatações uteis foram rapidas, porque quinze annos depois, em 1519, já Fernão de Magalhães achou na bahia do Rio de Janeiro plantas e aves de origem européa. Já por 1520, os francezes tinham trato mercantil em Pernambuco e outros pontos. Não era o ouro que attrahia-os á França Antartica, mas o páo brasil, de que o mesmo Christovão Jacques

levara, em 1504, dous carregamentos ao reino. De ahí veiu que os documentos officiaes chamavam á descoberta Terra de Santa Cruz, e os mareantes e mercadores conheceram-na pela *terra do páo brasil*. Em 1526, existia uma importante feitoria portugueza em Itamaracá, de onde iam navios ao reino. Cabot, em 1524, fundara a feitoria de S. Salvador, no rio Uruguay, por ordem de Carlos V. Os francezes tentaram apoderar-se da Bahia e Itamaracá, mas Duarte Coelho os expelliu em 1530.

O primeiro capitão-general do Brasil é Martim Affonso de Souza, nomeado *governador da Nova Lusitania*, em carta patente de 20 de Novembro de 1530. No 1º de Fevereiro de 1531, deu-se o primeiro combate naval, em frente ao cabo de Santo Agostinho, entre a caravela *Rosa*, do commando de Pero Lopes, e uma náó franceza, grande, com forte artilharia, que foi vencida e aprisionada. A costa estava repleta de navios hespanhóes e francezes, traficando em páo brasil, preferindo os primeiros as immedições de Pernambuco. A 30 de Abril de 1531, fundaram os portuguezes a feitoria do Rio de Janeiro, porto dos indios aymorés das serras do Parahyba, que tinham certa organização politica e reconheciam a supremacia de um maioral.

Aqui deve registrar-se o facto, que mudou a sorte do Brasil, e devia tornar fixo o pensamento de D. João III, de tornar portugueza toda a costa descoberta ao sul do Equador. No 1º de Setembro de 1531, o bacharel João Ramalho, que usava de outro nome, por ter sido degradado, voltava de uma expedição exploradora, e entregava a Martim Affonso a primeira partida de ouro e prata do Brasil. O governador orde-

non logo a expedição de novas *bandeiras*, e dando a nova para Lisboa, occasionou em 1532 a grande feira dos feudos. Todos os favoritos da cõrte aspiravam a um retalho da terra aurifera, que dera o magnifico presente do degradado. E' pena que ande ignorado o manuscripto *Santa Cruz*, do illustre historiador João de Barros, em que elle relatara as origens da historia do Brasil.

Apezar da critica dos modernos historiographos, Martim Affonso de Souza é o primeiro iniciador da civilisação no Brasil. Assenhorea-se da costa, funda fortes, estabelece povoações, introduz a canna de assucar e outras plantas e sementes, envia a primeira *bandeira* ao interior. Tres annos apenas, de 1530 a 1533, bastam-lhe para lançar os fundamentos de uma nacionalidade, que subsiste nos territorios do sul, e que contrasta com os feudos e feitorias do norte. E' com amarga tristeza que o intelligente organisador leria a carta de D. João III, datada de 28 de Setembro de 1532 :

« Depois de vossa partida, se praticou se seria meu serviço povoar-se toda essa costa do Brasil, e algumas pessoas me requeriam capitánias em terras della. Eu quizera, antes de nisso fazer coisa alguma, esperar por vossa vinda para, com vossa informação, fazer o que me bem parecer, e que na repartição que disso se houver de fazer, escolhais a melhor parte. E, porém, porque fui informado depois que de algumas partes faziam fundamento de povoar a terra do dito Brasil, considerando eu com quanto trabalho se lançaria fóra a gente que a povoasse, depois de estar assentada na terra e ter nella feito algumas forças, determinei de

mandar demarcar, de Pernambuco até o Rio da Prata, cincoenta leguas de costa a cada capitania. »

Este documento a que o illustre historiador brasileiro João Francisco Lisboa deu tanto valor, é sem duvida a *magna charta* do Brasil colonial e toda a sua historia está em germen nas curiosas cartas de doação, que subseqüentemente D. João III concede como « rei e senhor natural, e como governador e perpetuo administrador da ordem e cavallaria do mestrado de Christo. » E' ainda o pensamento do infante D. Henrique que o dirige, e na sua missão conquistadora e evangelisadora funda os direitos de senhorio. Ao passo que na carta se descobre o pensamento politico contra Hespanha e França, ha nella o germen das difficuldades futuras do imperio. Povoa a costa e abandona á fortuna o profundo continente; crea o espirito federativo e o dualismo do Sul e Norte, e impossibilita o futuro espirito politico da nação de ter em vista a hegemonia da America Austral, que é ao mesmo tempo a sua missão civilisadora e o maior interesse economico.

Entretanto foi rapida a povoação do Brasil de 1530 a 1600, pelos feudos, donatarios, expedições particulares, e reivindicacões da coroa. Além do aldeamento e reduccão pelos jesuitas e outras ordens monasticas, os indios eram obrigados ao trabalho servil pelos primeiros colonos. Estes, expatriados pela justiça, christãos novos, ou importados do norte do reino e das ilhas, em breve lançaram mão do elemento africano para substituir o indio, que a coroa lhes negava para o trabalho servil. No seculo XVIII, a creação das companhias mercantis, dirigidas pelo espirito absoluto e centralizador do marquez de Pombal, deu extraordina-

rio impulso á introduccão da escravatura. O engrandecimento da população foi rapido, mas sem resultados fecundos. Ao passo que se explorava o solo e as riquezas naturaes, guerreava-se o adiantamento industrial, a localisação das riquezas e o progresso intellectual. A extincção da companhia de Jesus foi golpe profundo nos estabelecimentos de instrucção publica e catechese que o paiz possuia. Só cincoenta annos depois, a fuga da corte de Lisboa para o Brasil, levantando a interdicção industrial, e dando impulso á localisação das riquezas e da illustração, permittiu que a população se adiantasse rapidamente e se formassem os elementos definitivos da nacionalidade.

E' curioso ver como a população se desenvolve. Os geographos dão em 1792, a todo o Estado 2.500,000 habitantes, sendo 800,000 de raça européa e mestiça, 200,000 de indios mansos, e 1.500,000 de escravos.

Balbi, em 1816, avalia a população do Brasil, em 3.617,900 sendo 843,000 raça branca, 628,000 mestiços, 259,400 indios, e 1.887,500 escravos. O progresso já é notavel nos elementos de origem européa e indiatica, embora então prevaleça o erro de apreciação, que desconhece o forte contingente indiano que entra na população européa e mestiça. Convém desde logo notar que o augmento na raça escrava é quasi nullo. Se a immigração africana tivesse identico progresso á branca e á mestiça, que eram livres, daria outro resultado a immensa importação.

Segundo os dados colligidos por Molinari, e os chro-nistas portuguezes da recente Africa, podemos fazer o seguinte calculo sobre a introduccão de africanos :

De 1750 a 1810..... 1.200,000

Transporte.....	1.200,000
De 1810 a 1819.....	600,000
De 1819 a 1847.....	1.122,000
De 1847 a 1850.....	200,000
	<hr/>
	3.122,000

A estatística de 1872 deveria, portanto, apresentar, pela lei natural de reprodução no Brasil, pelo menos sete a oito milhões de escravos. O exame dos factos não confirmou esta previsão. A estatística de 1872 dá a população escrava um numero pouco excedente a 1.500,000, o mesmo de 1792, e a de 1878, apenas conta 1.419,168. A escravidão esterilisa a raça e a extingue. Dentro de dez, quinze annos, ao mais tardar, a raça escrava desaparecerá do imperio.

E' curioso ver a distribuição dessa raça entre o sul e o norte do imperio. Pela verificação de 1878, vê-se que da Bahia para o norte, só restam 332,838 escravos, ao passo que da Bahia, inclusive, para o sul ha 1.086,330. Parece-nos que ha nisto algum inconveniente com a actual distribuição da instrucção publica e da riqueza entre as duas regiões littoraes do imperio. Verificando pela estatística a distribuição geral da população e o seu progresso em ambas as regiões, encontramos tambem sensível contraste.

Em 1816, as nove provincias do Espirito Santo até o Rio Grande do Sul, continham 1.411,000 habitantes; em 1872 encerram 4.748,859, e portanto tiveram o augmento de 336 %.. Naquella mesma epoca, tinham as provincias do sertão e as do norte do Espirito Santo 2.206,900, ao passo que em 1872 tinham 5.191,619. O augmento foi apenas de 234 %, e a maioria da popula-

ção, que, segundo Balbi, pertencia ao norte, passou em nossos dias para a região directora do sul. Observe-mos, porém, que a população geral quadruplicou em 80 annos, e que seguindo esta lei natural da sua população livre, o Brasil terá em 1892 talvez mais de vinte milhões.

A questão de população póde ser considerada por outros pontos de vista. Na ultima estatistica ha 9.030,478 pessoas qualificadas profissionalmente. Destas, 3.277,191 têm emprego certo, 1.578,881 pertencem a profissões não classificadas, e 4.174,406 não têm profissão. Este agrupamento já faz má impressão, mas a analyse apresenta resultados dignos de attenção. Das profissões classificadas, 2.233,187 pessoas se empregam na agricultura; 749,218 nos officios e profissões manuaes, e apenas 19,343 nas manufacturas, que deviam entretanto offerecer lucrativa carreira aos colonos e raças emancipadas. É notavel que, em paiz principiante, apenas 3.277,191 pertençam ás profissões classificadas, e 5.753,287 não tenham occupação conhecida e determinada. Se abatermos em 2.233,187, da população agricola, a metade da escravatura, isto é 750,000, que deve ser o contingente activo nessa classe, teremos ao menos a consolação que 1.483,187 pessoas livres se dedicam á lavoura, e asseguram o futuro dos dez ou doze milhões, de que se compõe a população geral.

Em grande parte os inconvenientes são devidos á má distribuição do trabalho e dos melhoramentos nas regiões do sertão e do norte da Bahia. O imperio possui 11,327 kilometros de linha electro-telegraphica; destes, 9,374 estão distribuidos da Bahia para o sul, e 1,953, ao norte daquella provincia. Ha em con-

strucção 1,813 kilometros de estradas de ferro, e construidos 3,054, total 4,867. Destes, 3,868 pertencem ao sul, e 999 ao norte. A instrucção superior é igualmente mal repartida em relação á população. Frequentam as faculdades do sul do imperio, que alias são poucas e mal distribuidas, 1,928 estudantes, ao passo que, a do Recife, a unica do norte, tem 450 matriculados. O mesmo se verifica nos preparatorios. Apresentaram-se em 1879, a exame de linguas e sciencias, nas academias e faculdades do sul, 7,096 estudantes, entretanto que, na do Recife, a matricula é de 1,403. O resultado da inactividade do norte em relação á região austral faz-se sentir nas proprias companhias de viação accelerada. A estrada mais importante do norte é a do Recife a S. Francisco, e deu em 1879 o seguinte resultado: renda 902:761\$552, despeza 610:732\$850, e liquido 292:028\$702, para fazer face á garantia de juros de £ 1.685,000. A estrada de Santos a Jundiahy offerece um perfeito contraste. No mesmo anno a renda foi de 4.207:360\$780, a despeza de 1.307:211\$110, e o liquido 2.900:149\$670, que fez face á garantia de juros de £ 2.650,000, e ainda deu saldo para a amortisação.

A desproporção é ainda mais saliente olhando-se separadamente para as provincias do sertão. Matto Grosso é um mundo, com 50,000 leguas quadradas, e terá apenas 70,000 habitantes! Entretanto, ali superabundam os ramos de agricultura e extractivos. Encerra a poaia, seringa, baunilha, anil, herva-matte, copahyba, cera, canna de assucar, arroz, milho, café, fumo, feijão e muitos outros productos. Apenas exporta algum fumo excellente e poaia. As causas são palpaveis, pela falta de plano das estradas de ferro, desprezo dos interesses

americanos do paiz e resignação ao regimen commercial de exploração rapida das costas, que prevalece sobre os grandes interesses nacionaes do Brasil. Um imperio com 250,000 leguas quadradas e 12.000,000 de habitantes, póde calcular sobre mais amplo futuro, e reconhecer que lhe pertence dar o plano da organização economica da America do Sul.

A estatistica revelou um outro defeito grave do paiz. Em 10.108,291 habitantes recenseados, ha 1.563,028 que sabem ler, e 8.545,263 analphabetos. A população escolar era de 1.902,454, e apenas de 320,749 a frequencia das aulas. E' triste ver 1.581,705 meninos ficarem sem a luz necessaria para cumprir seus deveres de cidadão e as condições necessarias para as carreiras profissionaes. E' preciso notar, porém, que este alto inconveniente começa a ser vencido, e a frequencia das aulas publicas do Rio por 7,434 alumnos, só na côrte, em que a população nacional é relativamente escassa, denota rapido melhoramento. Outro ponto do paiz, que póde servir de exemplo, é a provincia do Maranhão, a qual envia 4,483 alumnos ás aulas publicas e 829 aos cursos de preparatorios. De ahi resulta obter ella a collocação da maior parte das industrias na mão dos seus filhos, ao passo que o Rio de Janeiro, tendo 10,550 profissionaes inscriptos nos registros da camara municipal, apenas entre esses conta 1,954 nacionaes.

Estas circumstancias anormaes influem sobre a direcção dos nacionaes para as classes inactivas e empregos publicos, o que sobrecarrega o paiz de desproporcionados impostos. Não ha relação alguma entre o crescimento da população ha cincoenta annos, que é inferior ao triplo, e o da renda geral do Estado, que vai além

do decuplo. Em 1826, o orçamento é de 6.042:049\$; sobe em 1831—1832 a 11.118:760\$; e, com as guerras civis, attinge em 1840—1841 a 16.133:170\$; salta em vinte annos a 54.801:490\$, em 1863—1864; a guerra do Paraguay o lança a 109.180:063\$, em 1872—1873; desce a 101.163:918\$, em 1873—1874; eleva-se de novo, segundo os calculos do Sr. conselheiro Affonso Ceïso, de 1878—1879, a 115.379:898\$; ficando, em 1879—1880, na média provavel de 108.033:770\$000.

Entretanto, todos estes pesados encargos, estão presos á renda de exportação do café, e o movimento de importação que este ramo agricola origina. Escusado é dizer que o movimento ascensional de producção deste ramo, apesar de ser extraordinario, não acompanha em relatividade o augmento tributario. Quando elle se pronunciou como producto preponderante na economia agricola do paiz, no quinquennio de 1836—1840, já produzia 987,600 saccas; a renda do Estado era então de 16.000:000\$. No quinquennio de 1841—1845, attinge a 1,412,917 saccas, ou 5,651,808 arrobas; a renda do Estado é ainda de 20.000:000\$. Em 1870—1875 apenas a producção media vai ao duplo, isto é, a 2.754,185 saccas, ou 11.016,743 arrobas; entretanto que a renda tributaria passa de 20.000:000\$ a 109.000:000\$. Felizmente a exportação de café ainda progride e vai em 1878 a 3.031,199 saccas, e em 1879 a 3.535,183, pelo porto do Rio de Janeiro. E' verdade que o producto tributario passa no anno financeiro de 1878—1879 a 115.000:000\$ e a escravatura diminue de 1.500,000 a 1.400,000, mas as plantações espantosas de café ainda se dilatam, a lavoura de canna toma novo impulso, e parece que a

transformação do trabalho é já um facto no norte, em quanto os orçamentos tendem a fixar-se.

Cumpre, entretanto, não occultar que é da mais urgente necessidade, ter a população ensino profissional que a habilite a dedicar-se com exito a todas as carreiras industriaes, e lhe permitta crear uma classe manufactureira, e substituir com vantagem o trabalho livre agricola e as pequenas explorações intensivas, á grande lavoura e ao trabalho escravo. Talvez que fazer-se ir desde já passando a escravatura para o regimen servil voluntario, idéa que aventámos em 1850, seria a chave dessa transformação. E' incontestavel que a situação anormal da sociedade e do trabalho não póde conservar-se na rotina, e que da iniciativa das classes directoras deve sahir o programma de uma nova direcção economica e de outra organização social do paiz.

Basta estudar o pesado tributo que o imperio paga á Inglaterra, por não ter em seu seio industrias numerosas e aperfeçoadas, e não poder dar direcção propria ao regimen financeiro, para incitar a estas urgentes averiguações. A Gran Bretanha não é a principal consumidora dos productos do imperio, que apenas transporta em sua marinha mercante, e igualmente não representa a maioria da importação, que se consome no imperio, indo averiguar as origens, entretanto que é a unica intermediaria nas transacções de pagamento, o que absorve mais de um terço do lucro liquido da actividade productiva do paiz.

Em 1879, exportou-se de cambio sobre Londres, lettras na importancia de £ 17.332,016, que, á media de 11\$, perfazem 180.652:176\$, ao mesmo tempo que o

cambio francez ia apenas a 36.865,261 francos, que, a 450 rs. perfazem 16.589:367\$, e o allemão a marcos r. 2.189,382, que, a 650 rs., importam em 1.423:098\$300. O total dos valores exportados, com 2.621:044\$, em ouro e prata, é de 201.285:685\$, dos quaes foram por Inglaterra 182.956:903\$, e apenas 18.328:782\$ por outros paizes. Accresce que os saques para Londres, do minimo de £ 12.252,034, em 1876, subiram a 17.332,016, em 1879; ao passo que o cambio francez, do maximo de 55.530,210, em 1877, desceu a 36.865,261, em 1879; e o allemão de 9.003,596 marcos r., em 1875, foi até 2.189,382, em 1879. E' um pesado tributo que o imperio paga annualmente para conversão do seu papel-moeda em valores exportaveis, e para saldar a importação allemã, franceza e americana, e fazer a arrecadação do consumo de café nos Estados Unidos e norte da Europa. A Inglaterra fez do Brasil o seu segundo Portugal economico, e monopolisa a industria de transporte e da transmissão dos valores financeiros.

Estas observações não devem occultar-se por timidez, ou por preocupações de nacionalidade. O paiz póde entrar em um regimen de livre concurrencia de trabalho estrangeiro, póde transformar o ensino profissional, e a viação publica, e acabar com o exclusivismo religioso, e o espirito explorativo da industria actual. Cabe aqui repetir e concluir com as reflexões, que fizemos em 20 de Julho de 1879, acerca do estado industrial do paiz (*):

« A supremacia da America do Sul é para o Brasil

(*) Artigo inserto no *Jornal do Commercio*, sem assignatura pessoal.

uma questão de caminhos de ferro, telegraphos electricos, aproveitamento industrial dos doze milhões de habitantes, que estabelecem a sua primazia, e a intelligente e methodica direcção da industria fabril nascente, da potencia mineral que nelle superabunda, e da distribuição regular das forças agricolas de que dispõe. Em frente fica-lhe a Africa, e logo que a emancipação se complete, dali lhe podem vir incessantes braços que renovem a sua lavoura, e aberto o canal inter-oceanico facil será estabelecer para o solo emancipado a corrente do trabalho chinez. A economia politica não tem preconceitos de raça, e vai buscar a todos os paizes os instrumentos aproveitaveis de trabalho. Querer estabelecer exclusivamente com elementos anglo-saxonios o trabalho livre em um imperio que vai do equador ao ao meio da zona temperada, é sacrificar o futuro do paiz a um sonho impossivel.

« E' preciso, entretanto, convir que o Brasil não é tão desfavorecido para a colonisação européa como apregoam os preconceitos propagados por emigrantes improficuos. A estatística do porto do Rio de Janeiro mostra que nos 14 annos, decorridos de 1865 a 1878, entraram 353,920 estrangeiros, que, pela maior parte se fixaram no paiz. Nessa corrente de população entram os portuguezes pelo numero de 179,623, e os allemães pelo de 34,217, o que demonstra a proporcionalidade dos elementos novos da população. A prova de que a população estrangeira póde prosperar no paiz é que as colonias do Estado contavam, em 1878, uma somma de 109,656 habitantes, resultado que não acha equivalente nos Estados sul-americanos. Dentre essas colonias, algumas como Leopoldina, Blumenau e Itajahy,

são grandes centros de população, com agricultura e commercio desenvolvidos.

« A estes elementos estaveis de população devemos accrescentar as colonias emancipadas e os individuos particulares, fixados definitivamente no paiz. Basta lembrar que só na provincia do Rio Grande do Sul a população de origem allemã é avaliada em 70,000 habitantes, e em todo o imperio ha perto de 400,000 habitantes de recente origem portugueza, incluindo os nacionalizados. Estes elementos heterogeneos da actividade nacional apenas esperam a identificação com os habitantes indigenas no regimen politico e religioso, para tornarem-se motores activos da regeneração economica do paiz.

« Corresponderá o resultado do trabalho de toda a população, ao seu numero e excellentes elementos? Temos apenas uma estatistica completamente liquidada, que é a de 1871—1872. Por ella vemos que a somma total das importações e exportações de longo curso, inter-provinciaes de cabotagem, e commercio de transito é, uaquelle exercicio, de 557.315:886\$066, pertencendo ás importações 268.084:000\$ e ás exportações 299.231:677\$. Estes algarismos se subdividem, para o commercio de longo curso, em 363.229:000\$, e, para o commercio inter-provincial, em 204:086:000\$. Escapa á estatistica a importante producção e consumo de generos alimenticios no interior, que attinge talvez a somma igual á do movimento geral do commercio externo. Sendo a exportação externa de 193.418:000\$ a reciproca troca de cabotagem de 204.086:000\$, a producção por consumo interno de 360.000:000\$, temos uma somma geral de 757.504:000\$, que demonstra bem a fecundidade do

solo e as proporções que a producção póde tomar com o desenvolvimento das vias fluviaes e terrestres, a educação industrial do povo, e a introducção de machinas auxiliares que multipliquem os resultados e elevem as qualidades da producção.

« A analyse destes algarismos dá-nos, entretanto, uma idéa desfavoravel das relações mercantis do imperio. Na ordem de relações com os paizes estrangeiros, entram successivamente a Gran Bretanha com 166.048:792\$, os Estados Unidos com 56.449:179\$, a França com 34.090:369\$ e a Allemanha com 20.754:089\$, ao passo que Portugal apenas teve um movimento de 20.751:403\$, e todos os paizes sul-americanos, que nos rodeam e têm productos diversos, um movimento de 14.838:000\$. Estes estudos comparativos denotam que a Gran Bretanha absorve quasi todo o nosso commercio, e é ainda hoje a unica reguladora de nossa importação e cambio, e que o paiz se acha quasi isolado industrialmente no meio da America do Sul. Em relação mesmo á America do Norte, se o Brasil exportou 48.555:975\$, apenas importou 7.893:204\$, saldando a sua exportação não pelo retorno commercial, mas pelas operações de credito com o cambio inglez.

« Estudando a origem deste estado rudimentar da industria e commercio entre nós, parece-nos que as faltas são devidas ao exclusivismo dos productos de nossas exportações, á falta de informações dos recursos do paiz no estrangeiro e o nenhum conhecimento que a nossa população possui das condições fabris dos diversos paizes, pela falta de exposições internacionaes no Brasil.

« Vê-se que no anno financeiro de 1872 a 1873, um

dos mais felizes, a exportação do paiz se subdivide da seguinte maneira: café 115.285:400\$, assucar 27.725:600\$, algodão 26.824:300\$, couros 14.805:600\$, gomma elastica 10.065:300\$ e fumo 6,834:800\$. Esta estatistica dos seis principaes ramos da exportação demonstra que o café é a base de toda a nossa economia e a unica garantia do Estado, e que della depende o saldo de nossas necessidades de consumo. Dahi provém que não podemos contar com relações muito desenvolvidas para paizes que requerem outros ramos de exportação, ou que não tratam, como a Inglaterra, de estabelecer em larga escala em seus portos e com a sua navegação o commercio de transito.

« A estas apreciações, que podem ser incompletas ou desacertadas, pela falta de estudos sufficientes, anda ligada a origem das difficuldades financeiras do paiz. Exclusivismo de importação e de commercio de transporte pela Inglaterra, submettendo-nos ás imposições do cambio sobre Londres; remuneração baixa das forças productoras da lavoura, pelo inconveniente das transacções indirectas; custo elevado dos artigos de consumo pela falta de concurrencia aos nossos mercados dos productos das diversas industrias estrangeiras; falta de emulação dos productores, que se limitam á rotina, uão variam os productos e nem os aperfeiçãoam; parecem-nos estas as causas primordiales da fraqueza economica do paiz.»

FIM

